

sentar, então permaneci em pé. Assim como no pátio da escola, foi possível perceber muitas brincadeiras acontecendo ao mesmo tempo. Alguns meninos brincavam de futebol enquanto outros brincavam de outra coisa que foi difícil de identificar à primeira vista. Essa brincadeira contava com a participação de meninos, na sua maioria, e poucas meninas (aproximadamente quatro alunas para uns sete alunos – foi difícil contar uma vez que a brincadeira se misturava com a do futebol). Nela, os meninos corriam atrás das meninas e as levavam até a trave da quadra.

Percebi que a brincadeira se tratava de uma espécie de futebol, sendo as meninas a bola do jogo. Os meninos tinham que conseguir segura-las e leva-las para fazer gol. Após ser capturada, a menina era levada até a trave, em média quatro meninos seguravam e carregavam, pelos braços e pernas, uma menina. E essa, por sua vez, tentava se soltar, chutando os meninos. Após conseguir capturar todas as meninas, essas reivindicaram que seria a vez delas correrem atrás deles. Os meninos resistiram dizendo que elas não teriam chance, pois eram mais rápidos e em maior número. As meninas insistiram até que o jogo se inverteu. As meninas começaram a capturar os meninos, mas como a quantidade de meninos era maior, elas apresentavam dificuldades para realizar a captura. A sirene tocou e encerraram a brincadeira.

Como esse primeiro intervalo é das crianças, do 3^a ao 5^o ano, que em média possuem de 8 a 10 anos de idade, eles e elas brincam o tempo todo. Nos primeiros dias de aula, alguns brinquedos, como dama, boliche, baralho, era disponibilizado aos estudantes. Nesse dia não havia nenhum desses brinquedos no pátio. Mas mesmo assim os (as) alunos (as) arrumam um jeito de brincar.

Existem, como foi observado em outros dias, grupos de meninas e meninos que brincam separados. Ou seja, só meninas e só meninos. Mas outros que brincam juntos. Como a brincadeira de polícia e ladrão brincada em um dia observado. Nessa brincadeira não houve separação entre elas e eles, nem no momento da divisão dos dois grupos (quem seriam os polícias e quem seriam os ladrões).

No momento de finalização do recreio, é comum haver uma algazarra. As alunas e os alunos gritam, correm de um lado para o outro, como se quisessem aproveitar mais alguns segundos de brincadeira. Os (as) professores (as) e demais funcionários (as) da escola sempre precisam intervir para acalmar os ânimos e fazer as crianças entrarem em sala de aula.

No dia 20 de março chego à escola e aguardo o início do recreio, alguns minutos depois a sirene toca, as alunas e alunos saem correndo da sala em direção ao pátio. Alguns vão merendar, outros vão para a quadra e outros permanecem brincando no pátio. Duas alunas (em média 12 anos de idade) se aproximam de João e pedem a corda. Ele diz que não vai dá porque fazem muita bagunça e demoram a retornar para a sala de aula. Elas insistem e prometem se comportar. Ele atende ao pedido e informa que se fizerem bagunça a corda será guardada.

No momento em que elas pegam a corda, outras meninas já aparecem para participar da brincadeira. Nesse início ficam brincando cinco meninas, duas seguram a corda e as três pulam ao mesmo tempo. Depois ocorre um revezamento. Poucos minutos depois outras meninas aparecem para brincar também, assim como também um menino chega para pular corda. É aceito por todas.

Depois de alguns minutos ele pede para girar a corda enquanto elas pulam. A menina que estava em uma das pontas sede a corda e vai para a fila. Ele começa a girar a corda e depois de alguns segundos começa a girar muito rápido, de forma que nenhuma das meninas consegue mais pular, acabam caindo. Continuou dessa forma até que uma das meninas percebeu que o garoto não estava girando a corda da forma correta e foi para cima dele, tomou a corda da sua mão e disse que ele não ia mais brincar. Porém, ele não aceitou e disse que ia continuar. Pegou a ponta da corda e puxou. A menina não aceitou e segurando a corda deu um chute na perna dela. O menino foi para cima dela e ameaçou dá um soco. Ela protegeu o rosto com as mãos e gritou. As outras meninas vendo o que estava acontecendo foi para cima dele e todas juntas conseguiram fazer com que ele soltasse a corda e se afastasse do grupo.

Percebo que o garoto vai em direção a João e relata que as meninas não o deixam brincar. Indo até a turma que estava pulando corda, o professor diz: “deixem ele brincar! Vocês não querem direitos iguais? Então...”. Uma delas diz: “ele me bateu e não tava rodando a corda direito”. João olha para o aluno e diz: “não se pode bater em mulher, nem com uma flor. Continuem a brincar e se começar a brigar eu tomo a corda”.

Após o final do primeiro recreio, teve início ao outro, do Fundamental II, nesse momento percebo uma maior interação entre alunas e alunos. As brincadeiras diminuem, principalmente para as meninas, que na sua maioria, ficam conversando em

pequenos grupos. Nesses grupos, é perceptível a interação entre meninas e meninos. E apenas alguns meninos estavam brincando de futebol.

Nesse momento se aproxima de mim os funcionários Maria e João, já apresentados. Percebo que o primeiro recreio, por se tratar de crianças menores, necessita de um olhar mais constante, esses professores não param e ficam o tempo todo interagindo, chamando atenção. Já no segundo intervalo, ela e ele se tranquilizam mais, conseguem ficar só observando de longe e dificilmente necessita chamar a atenção de algum aluno (a).

4.3.3 Aula de recreação

No dia 14 de março de 2019 observei a aula de recreação da turma do 3º ano do Ensino Fundamental. A aula começou exatamente às 10 horas e 25 minutos. A professora iniciou a aula formando um círculo e solicitando a repetição de movimentos para se alongarem. Uma menina, na medida que realizava os movimentos ordenados, batia com a mão na cabeça de um aluno próximo a ela. Toda vez que a professora pedia, por exemplo, para esticar os braços para cima, na descida a aluna proferia um tapa na cabeça do colega. A professora vendo isso disse: “Para com isso aluna (falou o nome da aluna), deixa de enxerimento”, o que despertou o riso dos demais e alguns outros meninos disse: “*tão* namorando” (e mais risos). A aluna, envergonhada da atenção chamada, saí de perto do menino e vai em direção a uma aluna e continua o alongamento.

Assim que finalizou esse primeiro exercício, um aluno pediu a bola a professora e ela negou, disse: “futebol agora não, vamos fazer uma brincadeira onde todos vão participar”. E explicou a brincadeira. Como a explicação se deu de forma detalhada, percebi que se tratava de uma brincadeira nova para todos.

Nessa brincadeira todos participavam, inclusive a professora. Nela, a professora ia falando número, de 1 a 4, e dependendo do número narrado, as alunas e alunos teriam que fazer algum movimento. O número 1 era para correr. O número 2 para sentar. O 3 para colocar a mão nos joelhos. E, por fim, o número 4 para tentar pegar no joelho do colega. Vi que todos participaram e gostaram da brincadeira.

Após alguns minutos, a professora encerra a brincadeira, entrega a bola a um aluno, que rapidamente se dirige para o outro lado da quadra, acompanhado de um grupo de outros alunos e começaram a jogar futebol. Do outro lado da quadra, todas as meninas da sala e alguns outros meninos que não foram jogar futebol começam a se organizar. A professora entrega uma corda para dois alunos e os demais começam a formar uma fila. Começaram a brincar.

Percebi que a divisão dessas brincadeiras e desses grupos era corriqueira na aula de recreação, pois tudo aconteceu rapidamente, sem necessitar de muita intervenção e orientação da professora, principalmente se comparado à primeira brincadeira.

A brincadeira de corda e futebol continuou, até que uma aluna diz que prefere brincar de elástico. A professora entrega o elástico para essa aluna, ela se afasta e chama mais duas colegas para brincar com ela. Durante a brincadeira, um dos alunos que estava pulando corda, se aproxima das meninas brincando de elástico e as observa por uns minutos. Depois sai e retoma a brincadeira de pular corda.

Às 11 horas o sinal toca e a professora encerra a aula.

Às 8 horas do dia 15 de março de 2019, começa a aula de recreação com o 4º ano do Ensino Fundamental. A professora, a mesma da aula já descrita, inicia orientando os alunos e alunas a fazerem uma roda e iniciar movimentos para alongamentos. Após esse momento, tem-se o aquecimento com uma brincadeira de corrida. O objetivo era chegar ao outro lado da quadra bater na mão da sua dupla de corrida, essa, por sua vez, volta para o início, quem chegar primeiro ganha a partida. Essa brincadeira aconteceu com meninos e meninas ao mesmo tempo. Eles e elas disputavam entre si. As duplas foram formadas pela escolha dos próprios alunos e alunas sem a intervenção da professora. A única recomendação foi formar uma parceria com um colega. Acabou que as meninas formaram duplas apenas com as meninas e os meninos formaram duplas apenas com os meninos. No final sobrou um menino e uma menina. O menino, vendo que nenhum outro colega faria dupla com ele, se afastou do grupo e sentou em um canto da quadra. A menina disse à professora que estava sem dupla. A professora responde: forme trio com as meninas (apontou para uma dupla a sua frente), vocês revezam. Numa partida duas correm e uma torce, na outra partida uma sai para torcer e outra entra no lugar.

A professora não explica o motivo de não orientar a menina a formar dupla com o garoto que estava sem par. Agiu como se não tivesse sequer percebido que sobrou um aluno. O aluno, por sua vez, permaneceu sentado no quanto da quadra e não reivindicou sua participação na brincadeira.

Assim, que finalizou essa primeira brincadeira. A professora entregou a bola para um aluno e a corda para outro menino. E dois grupos se formaram sem necessitar orientação da professora para a divisão. Alguns meninos foram jogar futebol num canto da quadra e o restante da turma (meninos e meninas), foram pular corda. Nessa equipe da corda, a maioria são meninas. Os meninos se constituem como minoria, uma vez que os demais vão jogar futebol.

O jogo do futebol é organizado pelos próprios alunos. São eles quem fazem a divisão das duas equipes para o jogo e quem ditam as regras (quem vai chutar, quando é falta, etc.). A professora só interfere no jogo quando percebe que os alunos podem se machucar. Vez ou outra ela grita de longe: “cuidado com essa bola, tão chutando forte demais”, “cuidado para não machucar o colega”, entre outras frases para chamar atenção dos alunos.

Sua intervenção maior se dá na outra equipe da corda. A todo momento ela fica próximo a turma, organizando a fila, cantando a música e, algumas vezes, rodando a corda.

O sinal tocou e a professora recolheu a bola e a corda, orientando os alunos e alunas a irem merendar, pois já era a hora do recreio.

4.3.4 Discursos e representações de gênero

No dia 14 de março entrei na escola e me sentei em uma cadeira no pátio da escola. Após a finalização do segundo intervalo, João senta próximo a mim e começa a preparar um enfeite para colar no painel da escola. Depois de alguns minutos chama Maria e começam a conversar sobre um aluno. Ele diz: “o aluno X (diz o nome do aluno) estava aqui perto de mim chorando com dor de dente, mandei um recado para mãe dele leva-lo ao dentista”. Maria pergunta: onde o aluno está no momento? “Mandei

para sala de aula, não sei como uma mãe deixa o filho vir doente para aula, parecem que querem é se livrar dos filhos”, responde João.

E ele continua dizendo que a relação com a família não é fácil, tem muitos atritos. “Muitas vezes ela não entende nossa postura diante de algumas questões e vem reclamar, até ameaças de processo já recebemos de pais de alunos”. Relata ainda que um dia uma mãe veio reclamar com a diretora por conta da suspensão do filho. Diz que a escola não permite relações de namoro e o filho dessa senhora foi pego namorando.

Ele disse:

Ela pensa que o filho é um santo, que vem para escola para estudar, mas na verdade ele vem é beijar as meninas, já agarrou muitas aqui, e a escola não permite essas atitudes, suspendeu ele (João).

Questionei nesse momento se as meninas também teriam sido suspensas pelo mesmo acontecido e ele responde que não, elas apenas foram chamadas a atenção para não se repetir e ter cuidado com os meninos.

E ele continua, “tem menina que também facilita, olha como vem para a escola” (faz um movimento com a cabeça mostrando duas alunas que passavam no momento). As duas, com 12 ou 13 anos de idade, estavam maquiadas, com batom vermelho, sombras nos olhos, calças justas e uma delas com a blusa da farda dobrada de forma em que sua barriga ficava a mostra.

Nesse momento ele relata que está preocupado com a grande quantidade de casos de violência contra a mulher na região e diz que a última vítima era conhecida dele. relatei que também estou assustada e que está cada vez mais comum as notícias envolvendo casos de violência contra a mulher. Uma das merendeiras ia passando no momento, parou para escutar nossa conversa e relatou um caso em que sua amiga estava sendo ameaçada pelo seu ex marido e foi embora para São Paulo, lá refez a vida, casou novamente e já tem filhos, está bem, relata ela. Ainda disse,

Mulher não é obrigada a aguentar agressão não, de qualquer tipo, está sendo maltratada é melhor dar um basta na relação e ir para longe dele, se não corre o risco de morrer mesmo, se essa (fazendo referência ao último caso de feminicídio ocorrido na cidade) estivesse ido embora para outra cidade, talvez teria evitado isso (MERENDEIRA).

Aproveitei a conversa e perguntei se estavam sabendo do caso de uma adolescente que foi abusada sexualmente pelos cinco tios. Disseram que ouviram falar e ficaram indignados com o caso, afirmando que os tios se aproveitaram da situação de vulnerabilidade da sobrinha. Nessa situação João menciona que as mulheres facilitam esses casos de estupro pelas roupas que usam. Disse que cada roupa tem seu lugar de usar e shorts curtos e decotes não são roupas de estarem em locais públicos por chamar atenção dos homens. “Isso facilita a ação dos aliciadores”, afirma ele.

Em outro momento do dia, enquanto estava conversando com Maria sobre seu afastamento da sala de aula, um grupo de 2 alunos e 4 alunas (aproximadamente 14 anos de idade) se aproximaram e sentaram próximo a onde estávamos, ficaram conversando. Alguns minutos depois, Maria foi chamada pela secretária. Ela se afastou de onde estávamos inicialmente. Nesse momento dirigi minha atenção para o grupo de discentes que estavam próximo a mim.

Percebi que um dos alunos abraçou uma das alunas e a puxou como se quisesse se afastar do grupo indo em direção a outro lugar. Uma outra aluna, vendo o afastamento dos dois, gritou: “Ei, traga a minha mulher”. Os demais, nesse momento, começaram a rir. Os dois alunos voltaram para o grupo e a menina, que voltara, com um tom sério e preocupado disse: “Cala a boca doida, se Maria (disse o nome da professora) ouvir isso nós *tamo lascada*”. Essa cena demonstra certo medo da aluna em, por ventura, infringir uma norma da escola. Em outro momento de observação João já havia relatado que as relações de namoro são proibidas na escola. Talvez esse seja o receio da aluna.

4.3.5 Caderno de ocorrência

As ocorrências são registradas em um livro que fica guardado dentro da sala de leitura. Toda vez que uma aluna ou um aluno se comporta de maneira a infringir alguma regra é levado para a sala de leitura para o registro da ocorrência. Lá dentro, Maria ou João inicia uma conversa com o (a) aluno (a), pede que ele ou ela explique o que aconteceu, registra a ocorrência e pede que o (a) estudante assine o livro. Durante essa conversa, os funcionários relatam algumas regras da escola a depender do caso

registrado, enfatizando o erro cometido, fazendo também com que o (a) estudante prometa não se comportar mais daquela forma.

Em alguns casos é possível ver um tom amigável nessa conversa, demonstrando certa tolerância com o ocorrido, assim como também expressando uma confiança de que a situação não se repetirá. Mas em outros casos, o aluno ou aluna é submetido (a) a uma pressão, com ameaças de chamar os familiares ou até mesmo expulsão da escola. Nesses casos, os funcionários demonstram indignação com o fato registrado, expressando a não tolerância se o caso vier a se repetir.

No dia 21 de março de 2019, foi possível ver o registro de duas ocorrências. A primeira ocorreu logo após o primeiro intervalo. Maria entra na sala de leitura juntamente com três alunas (aproximadamente 9 anos de idade), do 4º ano. Todas sentam e já com o livro de ocorrência aberto, Maria pede explicação sobre o atraso. A ocorrência, nesse caso, tem como motivo o fato das meninas não terem ido para sala de aula após o término do intervalo.

As três meninas entraram na sala, demonstrando certo medo e vergonha. Uma delas pediu para Maria não registrar a ocorrência, justificou que não haviam percebido que o sinal tocou porque estavam brincando de esconde-esconde. Maria diz: “vou fazer o registro para da próxima vez vocês ficarem atentas ao sinal. Tocou, tem que ir para sala”. Ela ainda ressalta que esse se tratava do primeiro registro das meninas, se tiver mais de três registros só entra com a presença dos pais ou responsáveis. O tom na voz da funcionária era amigável e demonstrava confiança de que o caso não ia se repetir. As meninas prometem que não mais se atrasar, assinam a ocorrência e voltam para sala de aula.

Minutos depois da saída das meninas, João entra na sala de leitura e pergunta para as funcionárias da sala: “E aí meninas, já tivemos algum B.O. hoje?”. As meninas respondem que sim e relatam o ocorrido com as três alunas. Sobre o B.O, João estava se referindo as ocorrências registradas. Percebi que chamar as ocorrências de B.O. é uma brincadeira adotada pelos funcionários da escola fazendo alusão ao Boletim de Ocorrência registrado nas delegacias de polícia.

Após escutar o relato da ocorrência, João diz: “Vou ali atrás de mais algum B.O” (risos). Ficou perceptível que o registro das ocorrências é algo prazeroso para os (as) funcionários (as), ele e elas se divertem compartilhando os casos de indisciplina dos

alunos e alunas, assim como também demonstram frustração quando o caso não é considerado grave, como no caso das três alunas que apenas se atrasaram para a aula.

Minutos depois entra uma aluna (de aproximadamente uns 13 anos de idade). As funcionárias imediatamente perguntam como a aluna está. Percebo, nessa forma de cumprimento, certa relação de afinidade entre aluna e funcionárias, como se já fosse comum a estudante ir até a sala de leitura para conversar. A aluna responde: “eu fui conhecer meu pai ontem”. Uma das funcionárias de forma um pouco surpresa pergunta: “e como foi?”.

A menina relata que já sabia quem era o pai dela há algum tempo, mas nunca tinha ido falar com ele. Ontem resolveu que iria falar. Chegou até ele e disse: “sou sua filha”. Disse também que não percebeu surpresa no pai, “ele já tem muitos filhos”, narra ela. A funcionária pergunta se ele dá alguma coisa para ela e ela responde que nunca deu nada, achava que ele nem sabia que ela existia. A funcionária aconselha a processar o pai, enfatiza que a menina tem direitos. Ela responde: “Se ele não deu nada quando eu nasci, imagina agora...”.

Depois de alguns minutos conversando sobre como chegou até seu pai, a aluna chamou uma das funcionárias dizendo: “vem aqui me dá um abraço”. A funcionária abraça a aluna e diz: “tão linda, deveria ser mais direitinha”. A menina diz: “sou direita sim” (risos).

Nesse momento João entra na sala e olha para a aluna e pergunta:

- Qual teu B.O. hoje ?
- Graças a Deus, nenhum (risos), responde ela.
- Tem certeza? Insiste ele.
- Tenho! Quantos eu já tenho? Ela pergunta
- Vários, tenha cuidado! (Risos).

Minutos depois, mais especificamente às 10 horas e 33 minutos, entra João com um aluno (aproximadamente 13 anos de idade), manda o menino sentar e aguardar.

Maria entra e pergunta do que se trata. “Explico já e pode deixar que desse aí eu cuidado”, afirma João.

Enquanto ele escrevia no livro de ocorrência, Maria foi até o canto da sala de leitura e começou a rezar em voz alta. Nesse momento todos ficaram em silêncio. Ao terminar ela diz: tive que fazer essa reza, estou com um mau pressentimento. Uma das funcionárias fala: “rezar nunca é demais, faz bem”.

O aluno permanece sentado em uma das cadeiras da sala, aparentemente com raiva, braços cruzados e olhar fixo em direção à porta. Após aguardar alguns minutos diz, “eu quero voltar para a sala, não fiz nada”. João, com um tom de voz alto e seguro diz: “voltar nada, fique aí, falo já com você”.

Após alguns minutos de espera, o funcionário vai até o aluno e pede que se explique. O aluno, por sua vez, sem muitos rodeios simplesmente diz que não fez nada. João insiste: “como não fez nada? A professora disse que você chamou o colega de corno, isso é certo?” O aluno rebate dizendo que não chamou. João continua insistindo para que o aluno confesse, pois sabe que a professora seria incapaz de inventar algo, mas a única coisa que o aluno dizia era que não tinha feito nada.

Vendo que não conseguiria uma confissão, João registra o caso e diz que da próxima vez ele só entra com um responsável. Pede para ele assinar e permanecer na sala, como castigo não assistirá mais o restante da aula hoje. O aluno se recusa a assinar a ocorrência. Só depois de muita insistência e ameaça de chamar a diretora é que ele cede a pressão e assina o livro.

Maria acompanha toda a conversa entre aluno e o colega de trabalho. E ao ver a não cooperação do aluno com o registro do caso diz: “tá vendo? como com as meninas é bom. No instante elas compreendem. Com os meninos têm até que ameaçar”.

O aluno permanece sentado a mesa até que o sinal toca, finalizando o dia de aula. João libera o aluno e avisa: “fique esperto”. Em silêncio, o aluno se retira da sala. Após a saída do aluno, João olha para mim e diz: “esse aluno é problemático, sempre tem alguma ocorrência dele. Ele foi abandonado pela mãe quando ainda era bem pequeno, foi praticamente jogado no lixo”.

No dia 22 de março, logo após o final do último intervalo, estava em uma mesa na sala de leitura fazendo análise dos livros didáticos e observei certa agitação no pátio

da escola. Poucos minutos depois, Maria entra na sala muito nervosa, trás com ela dois alunos (de aproximadamente 8 anos de idade). João percebendo o nervosismo dela manda os dois sentarem e informa que vai resolver o caso.

João, assim, pede que eles se sentem, abre o livro de ocorrência na mesa e diz: “tirem par ou ímpar pra saber quem vai falar primeiro”. O primeiro a falar diz: “foi ele quem começou”. O segundo, por sua vez, nega, afirmando que quem começou foi o outro. E por alguns minutos permaneceram um culpando o outro. João interrompe e informa que culpar o colega não irá resolver nada. Diz ainda: “Lá fora, uma brincadeira sem graça dessa pode gerar até morte. Aqui na escola, nós não ensinamos atos de violência e agressividade. Nós repudiamos isso”.

Continua a conversa informando o que é o livro de ocorrência. Atentamente os alunos escutam as palavras de João sobre a quantidade de ocorrência permitida e o que acontece quando se extrapola o limite de três registros, que no caso é chamar um responsável pelo aluno. Afirma, ainda, que caso eles prometam que o caso não irá se repetir e peçam desculpas um para o outro, a ocorrência não será registrada e eles retornam a sala de aula. O livro de ocorrência, aberto em cima da mesa, era constantemente alvo do olhar dos alunos e do professor. João, sempre que possível remetia sua atenção para o livro, apontando para suas páginas, levantando para dar uma ênfase maior, reafirmando que se registrasse o caso não tinha mais como voltar atrás, já estava registrado e a ocorrência contabilizada no total permitido por aluno.

Os alunos aceitaram a proposta, apesar da resistência de um deles em estender a mão para o colega. João, ao ver a resistência do menino diz: “o que é isso? Não é homem não? Aperte a mão do colega e peça desculpas pra ele também”. O aluno, mesmo sem graça e expressando pouco conforto em fazer isso, obedeceu as ordens do professor. Após esse momento de conciliação, eles são liberados a voltar para a aula.

Só após a saída dos alunos, conseguir entender o que de fato havia ocorrido. Um chamou o outro de “viadinho”, esse ofendido deu um soco nas costas do colega. Tudo isso aconteceu no início da aula, vendo a briga, o professor, que estava em sala no momento, chamou Maria e pediu que os levassem da sala.

Depois de alguns minutos, entra novamente Maria trazendo uma aluna (de uns 10 anos) e um aluno (com aproximadamente 8 anos), manda-os sentar e se dirige a João explicando o que aconteceu. Informa que o aluno chutou uma bola no rosto da aluna na

hora do recreio. A menina foi reclamar agora para a professora que está com o rosto doendo.

João sempre muito calmo, porém muito sério, pede que aguardem uns minutos, vai até a sua mesa, pega o caderno de ocorrência e se dirige aos dois, sentando próximo a eles. Abre o caderno, olha para o aluno e diz: “se eu pegasse uma bola e jogasse na sua cara, você ia gostar?”. O aluno surpreso diz que não. João continua, agora se referindo para Maria, que também estava próxima: “Você lembra que ano passado esse aluno deu tanto trabalho? (Maria faz um sinal positivo com a cabeça) Não era nem pra ele estar aqui esse ano”. O aluno permanece calado e com a cabeça baixa.

A aluna explica o que aconteceu após ser solicitada, diz que estava com duas amigas brincando e ele estava jogando bola com outros colegas. Ele pede pra elas se afastarem porque estava atrapalhando a brincadeira e elas negam. Ele com raiva chuta a bola pra cima dela e pega no rosto da menina.

Ao ouvir o relato da aluna, o menino intervém e diz: “eu chutei a bola porque vocês vieram pra cima de mim pra me bater”. Ela confirma e diz: “fui pra cima dele porque ele disse que eu tava ‘queixando’ ele”. João, não entendendo o significado de estar “queixando” pede explicação. Estar “queixando” significa dar em cima de alguém, paquerar, se mostrar interessada em alguém, explica a aluna. Ao ouvir isso João, com um tom sério, diz: “homem que é homem não diz gírias, rapaz, isso é muito feio! Quem é capaz de dizer isso, é capaz de dizer outras coisas também, não fale mais assim”.

O aluno já estava com muitas ocorrências, conforme enfatizou o funcionário, prestes a ser expulso da escola. Ele sempre muito calado, cabeça baixa, pernas balançando, sorriso entre dentes, o que expressava certa timidez e nervosismo. Só falava algo quando era solicitado. A menina já se mostrava mais segura nas palavras, olhava para João o tempo todo e estava séria.

João olha para o aluno e pergunta: “lá onde você mora tem escola?”. O aluno responde que sim. “E por que você não vai estudar lá? Você não é pior e nem melhor do que ninguém, e do jeito que você estar nunca vai ser melhor do que ninguém mesmo”. Enfatiza que o menino era um bom aluno, mas que vinha dando muito trabalho depois de se juntar com uns colegas.

Para finalizar, manda o aluno pedir desculpas para a colega. Ele pede. João diz que a ocorrência não será registrada, mas que vai ficar de olho nele. Manda os dois ficarem de pé e darem as mãos. O menino hesita, João diz: “pegue não mão da colega, você não é homem não para pegar na mão de uma mulher?”. O menino muito sem graça, sempre olhando para o chão, pega na mão da colega. E, em seguida, são dispensados.

No dia 26 de março de 2019, cheguei antes de iniciar as aulas, aguardei a entrada das alunas e alunos e me dirigir ao pátio, ficando lá por alguns minutos esperando a sala de leitura ser aberta. Logo quando a funcionária da escola abriu a sala, entrei nela, peguei mais um livro didático e fui folheá-lo.

O dia estava calmo e nenhuma ocorrência tinha ocorrido. Porém, logo após o final do primeiro recreio Maria entra na sala com uma aluna e um aluno (os dois com aproximadamente 12 anos) e começa a conversar com ela e ele, indagando o que tinha acontecido. A aluna explica que outra aluna da mesma turma tinha ameaçado bater nela. João entra na sala, se informa do caso e solicita que Maria vá à busca da tal aluna que havia proferido a ameaça.

Chegando, a aluna se senta na cadeira apontada por João. Ao ouvir a indicação, a menina se joga na cadeira, se sentando de uma forma que seu corpo ficou todo curvado, como se quisesse se deitar na cadeira. João olha para a aluna e diz: “senta direito, você já é uma moça”. Ela, por sua vez, se acomoda de forma ereta na cadeira.

João inicia a conversa explicando o que é o livro de ocorrência (esse já se encontrava aberto em cima da mesa), a quantidade permitida de casos registrados por alunos e as consequências que o excesso de registro pode causar. Pede também para que a aluna ameaçada relate como se deu o caso. Ela, ao explicar a situação, chama a colega pelo apelido. João nesse momento intervém e diz: “não chame sua colega por um apelido, isso é coisa de presidiário. Se alguém te apelidar você vai gostar? Vocês têm nomes bonitos, para quê apelidar? Isso é feio”.

E continua dizendo para as meninas que se cuidem, pois serão as futuras cidadãs cratenses. Enfatiza a importância de estudar para conquistar a independência financeira, não querer saber de namoro agora e nem ficar dependendo de homem para sobreviver. Diz: “estudem para conseguir um bom trabalho, ter seu dinheiro e não depender de marido. Quando quiser comprar alguma coisa não precisar pedir autorização, vai e

compra. É a melhor coisa”. Em seguida passa a palavra novamente para a aluna continuar explicando o que tinha levado a sua colega proferir uma ameaça.

A menina diz que ficou sabendo que a sua colega de sala havia dito que iria bater nela na hora da saída, quando ninguém estivesse vendo. A outra aluna interfere e nega ter proferido a ameaça. Com isso, João pergunta quem foi dizer isso para a menina. Ela diz que foi seu colega de sala (o aluno que a acompanhava no momento) e aponta para ele.

Nesse momento, o aluno, aparentemente nervoso, afirma que a ameaça aconteceu de verdade. Porém, João não aceitou a resposta do garoto e continuou insistindo na pergunta o que demonstrou desconfiança que o garoto teria inventado a ameaça. Sem ter a confissão do menino, João disse: “Assuma, homem que é homem assume o que faz, quando não assume é outra coisa”.

Ao ouvir isso, o aluno olha surpreso para o funcionário e acaba assumindo que inventou a ameaça. Com isso, João diz: “Parabéns, homem que é homem age assim, você não foi covarde, assumiu o que fez, não farei o registro do caso porque você foi corajoso e assumiu a culpa”. Por fim, fez cada um pedir desculpas para o outro, ressaltou a importância de serem bons alunos, a importância de seguir as regras e dispensou todos.

Quando as alunas e o aluno saíram da sala de leitura João olha para mim e diz: “agora posso rir. Fico me segurando para não rir na frente deles para não perder a moral, mas a vontade de rir é grande” (risos). Disse também que o papel dele é como uma espécie de delegado, às vezes o registro do caso não é necessário, por isso faz a conciliação entre as partes. Porém, outros casos, segundo ele, se fazem necessário o registro, até como uma forma formalizar os atos de indisciplina na escola, servindo de registro para mostrar a família ou as autoridades caso seja necessário.

No último dia de observação, dia 27 de março, assim que entrei na escola me direcionei a sala de leitura. Lá, estavam seis alunas e cinco alunos ensaiando uma apresentação que iria ter na escola na festa da Páscoa. Sentei-me em uma cadeira e fiquei observando o ensaio. Elas e eles ensaiavam uma música religiosa. A letra da música passava em um videoclipe na televisão e todas e todos iam repetindo.

Algumas das meninas e dos meninos não se concentravam na música, não liam direito e não atendiam a solicitação da professora. Até na hora em que era preciso ficar em fila não dava certo porque os estudantes não colaboravam com a organização.

Ao meu lado, nesse momento, estava uma funcionária da sala de leitura, também observando o ensaio. Vendo a bagunça que elas e eles faziam, olhei para essa funcionária e disse: “essa idade tem energia pra dá e vender”. Ela olha pra mim e responde: “não é a idade, é a clientela mesmo, em outro lugar isso não acontece”.

Percebendo que a minha presença na sala de leitura podia estar dispersando a concentração delas e deles, resolvo sair da sala e me direciono ao pátio. Aproveito o momento para, além de realizar observações, convidar algumas professoras e professores a concederem entrevistas.

Já era no final do primeiro recreio, estava sentada em uma cadeira e João ao meu lado. Nesse momento uma aluna se aproxima chorando muito e diz que um colega havia lhe batido. João manda a menina ir chamar o garoto. Minutos depois ela volta na companhia do colega. João pergunta: “você bateu nela?”. Ele responde que sim. O professor continua:

- Você é pai dela? Perguntou João.

- Não, responde o aluno.

- É irmão dela?

- Não

- É marido dela?

- Não, responde novamente o menino com um sorriso entre os dentes.

- Então por que você bateu nela? Qual é o seu direito? Não faça mais isso e peça desculpas.

Após o pedido de desculpas os dois são liberados.

Alguns minutos depois, me direciono a saída da escola, passando em um corredor que dá acesso a sala da diretora. Em frente a essa sala se encontrava a diretora conversando com um senhor, aparentemente responsável por alguma aluna ou aluno.

Cumprimentei os dois e me dirigi a diretora afirmando que precisava conversar com ela quando fosse possível. Quando a diretora começou a me pedir para aguardar alguns minutos foi interrompida pela presença de um aluno. Direcionou sua atenção para ele e perguntou o que estava fazendo ali. Ele respondeu dizendo que uma colega havia lhe batido e ele veio fazer uma reclamação sobre o fato.

Ouvindo isso a diretora indaga: “o que? Uma garota bateu em você? Uma menina? Que homem fraco é você que deixa uma menina te bater? Sente aí que vamos conversar daqui a pouco”.

5 GÊNERO E EDUCAÇÃO: OLHARES DOCENTES

O foco do nosso olhar foi direcionado a todos os sujeitos que compõe a escola. No entanto, para a realização das entrevistas, se fez necessário focarmos em determinadas pessoas para aprofundarmos questões observadas e, ainda, percebermos a percepção delas sobre a temática de gênero. Para isso, realizamos quatro entrevistas: com a diretora da escola, com uma professora e com dois professores.

As pessoas foram escolhidas seguindo alguns critérios. A diretora, que a nomeamos de Rose, por ser alguém que se encontra em uma função gestora, o que lhe dá certa propriedade para falar em nome da escola como um todo. A professora, que a nomeamos de Maria, por ser alguém que além de poder passar sua visão de professora, ter também uma relação muito próxima com estudantes, familiares e outros profissionais da escola, uma vez que essa se encontrava, no momento da pesquisa, afastada de suas atividades em sala de aula, acabando sendo remanejada para outras atividades na escola, auxiliando a gestão.

Um dos professores, que o nomeamos de João, também foi escolhido pelo mesmo motivo que a professora anterior. E, por fim, o último professor, que o nomeamos de José, foi escolhido por indicação da diretora. Outros docentes, mais especificamente a professora de recreação dos anos iniciais do Ensino Fundamental e outro professor, foram convidados a participar desse momento da pesquisa, porém, negaram sua participação, justificando falta de tempo. Nessa situação, optamos por fazer análise dos dados apenas nas quatro entrevistas realizadas.

Os dados coletados com as entrevistas foram categorizados e apresentados nos tópicos que seguem. A apresentação das respostas acontecerá na ordem em que foram realizadas as entrevistas. E, como já destacamos, a identidade das participantes e dos participantes serão resguardados e os nomes Rose, Maria, João e José estarão se referindo a diretora, a professora, e aos professores respectivamente.

5.1 OS SUJEITOS E A TEMÁTICA DE GÊNERO

Antes de tratarmos das questões de gênero no espaço da escola é preciso destacarmos, inicialmente, quem são esses sujeitos que participaram da pesquisa e contribuíram com as discussões objetivadas nesse estudo.

A diretora Rose é formada em Geografia e tem especializações em Educação Ambiental, Docência do Ensino Superior, Gestão Educacional e, ainda, é Mestre em Educação. Ela vem atuando como diretora da escola pesquisada desde fevereiro de 2017. Antes disso já atuava na gestão em outra escola municipal, num período de dois anos. Também já trabalhou como professora em escolas estaduais. E hoje, além de diretora, é também professora de uma universidade pública da região.

Conforme nos relatou, a diretora acredita que a escola tem como função principal a transformação de pessoas e da sociedade. Acredita também que essa exerce uma influência fundamental na formação das identidades dos indivíduos. Relata ainda que, no contexto atual, existem muitos desafios a ser enfrentados cotidianamente na escola, mas o desafio que mais interfere no rendimento escolar é a desestruturação familiar e social, o que vem gerando crises de civilidade e de humanidade, com séria inversão de valores sobre o que é certo e errado.

Sobre a temática de gênero, ela afirma nunca ter participado de nenhuma formação, nem inicial, nem continuada, em que a temática de gênero aparecesse, com exceção de algumas palestras sobre o tema. E ao ser indagada sobre seu conhecimento a respeito da temática de gênero, Rose responde:

Voltando a 2018, falando especificamente do município de Crato e de alguns outros municípios. Teve um fato que me deixou até apreensiva e preocupada, era a questão de proibição. Não sei se a palavra é bem proibição. Mas de não dever tratar o tema gênero dentro das escolas. Como não? Ah, porque vai tá incentivando os meninos a... Nós não estamos. Não é um incentivo. Obrigatoriamente nós temos que falar da cidadania mesmo, a questão do novo modelo de sociedade. É uma questão de respeito. E quando nós estamos falando de gênero, nós não estamos falando só da questão eu vou ser homem ou mulher, ou a questão das relações. Não. Nós estamos falando de uma sociedade que tem que respeitar as escolhas, as diferenças. Como é que eu respeito à diferença de raça, se eu não respeito de gênero. Então, obrigatoriamente são temas que tem que ser trabalhados, discutidos, direcionados. Até porque como é que eu quero uma sociedade justa, com equidade, eu não falo nem só igualitária, mas uma sociedade ética, que respeita, se na escola eu não posso falar sobre cidadania e sobre gênero. Não estou falando só de... Ah, porque ela falou que é normal a questão do ser trans, de ser... Não, é uma questão de respeito mesmo. É uma questão de ver a nova realidade, uma nova sociedade, que hoje faz parte do dia a dia e faz parte das escolas. Então o respeito

começa sobre esclarecer, sobre o que é e de onde vem e o que pode ser feito (ROSE).

Conforme a resposta destacada, percebemos que a diretora tem conhecimento sobre a temática de gênero e que esse está muito associado à questão de escolhas e respeito como ela bem enfatiza nas suas palavras. Ela também destaca o projeto de lei municipal elaborado com a intenção de proibir o trabalho da temática nas escolas, o que mostra que tal projeto causou repercussão, fazendo com que as pessoas passassem a se atentar para um tema que a até então não conheciam apesar de trazer uma discussão equivocada do assunto.

A professora Maria é formada em Pedagogia, com esquema em inglês, tem também uma formação em Ciências Econômicas e Matemática pelo PARFOR. Atua na educação há 25 anos, já trabalhando em instituições particulares da região e outras escolas municipais. É professora efetiva do município e está na instituição investigada desde 2014, trabalhando também em outra escola na Educação de Jovens e Adultos para completar sua carga horária. No momento da pesquisa, essa se encontrava afastada da sala de aula por motivos de saúde, sendo remanejada para outras atividades da escola, agindo, principalmente no auxílio a gestão escolar, tratando dos casos de indisciplina e também frequência das alunas e alunos.

Para Maria, a escola tem uma função que vai muito além do trabalho com conteúdo científico, a escola acaba tendo que assumir, cada vez mais, responsabilidades que são da família. Isso porque, conforme sua resposta, a família vem se apresentando cada vez mais desestruturada, jogando para a escola a responsabilidade na educação das filhas e dos filhos. Para exemplificar essa situação, Maria cita um caso vivenciado por ela:

[...] uma mãe deixou um recado pra eu deixar o filho dela sem recreio. O filho fez uma coisa errada, não foi aqui na escola, foi em casa. E ela pediu que a gente o deixasse sem recreio de uma sexta-feira até a outra sexta-feira, mas de oito dias. Ou seja, queria que a gente fizesse o papel dela, queria que nós fizéssemos esse papel (MARIA).

Relata ainda que os principais desafios enfrentados na escola dizem respeito à indisciplina e também a falta de acompanhamento familiar. Afirma que a indisciplina e a desestruturação familiar, e a conseqüente falta de acompanhamento, geram problemas no rendimento das alunas e alunos, perceptíveis no dia a dia escolar. Ao ser indagada

sobre o que é uma família desestruturada, ela responde afirmando que a desestrutura surge quando algum membro da família não cumpre seu papel. Mães ou pais que jogam a responsabilidade de cuidar das filhas e filhos para outras pessoas, por exemplo.

Sobre a temática de gênero, afirma nunca ter participado de nenhuma formação sobre a temática. E diz não se sentir a vontade para falar sobre o tema

Mulher, na verdade... Assim, eu não gosto muito de debater esse tema. Por que? Primeiro, no princípio, Deus criou homem e mulher. Então, se Deus criou homem e mulher, dois homens não podem... Não tem história de você ser uma coisa e começar a se sentir outra, isso pra mim não existe. Eu acredito no biológico, entendeu? Eu então não concordo com essa ideologia não, porque no princípio Deus criou homem e mulher. Então eles são a matéria prima. Como é que dois homens vão procriar? Ou duas mulheres, né? Eu sei que usam aí os artificios, né? Inseminação e tudo mais, mas eu não... E aí, assim, pra não dá polêmica eu evito. Se alguém puxar assunto eu só vou dizer isso: no princípio Deus criou o homem e a mulher e disse multiplicai-vos. Ele não criou nem dois Adão e nem duas Eva, ele criou um homem e uma mulher, né? Então essa é minha opinião (Maria).

A fala de Maria demonstra uma percepção sobre gênero fundamentada tanto numa certa interpretação religiosa e essencialista, como também demonstra um entendimento de gênero como sinônimo de sexualidade. No entanto, quando indagamos sobre concordar ou não com o projeto de lei municipal proibindo a chamada “ideologia de gênero na escola” a professora responde ser contra. Afirma que qualquer assunto pode ser trabalhado na escola, mas que esse não influencie a percepção das alunas e alunos. Sobre essa questão ela diz:

Na verdade, eu acho assim: a gente pode até dizer o que é o assunto. Assim, qualquer assunto eu posso trabalhar na escola. Posso. Agora eu não posso é... É como a questão da Páscoa. Por exemplo, eu não concordo com os símbolos pascoais, como a questão do coelho. Coelho não simboliza páscoa, entendeu? Chocolate não simboliza Páscoa. No entanto, o que é que eu posso fazer? Eu posso falar da primeira páscoa, mas eu posso dizer que a cultura hoje é isso, isso e isso. Eu posso mostrar os dois lados. Então, a questão desse tema aí, eu posso muito bem ler sobre o assunto, expor o assunto, mas sem eu levar o aluno a mudar seu pensamento. Porque qualquer assunto eu posso tratar dentro de uma escola, agora eu não posso é ter partidatismo. Eu tenho que ter aquela posição neutra. Então, eu concordo que qualquer assunto seja ensinado nas escolas, contanto que seja a título de informação e não levar o aluno a tomar aquele tipo de posição. Apenas para ele ser informado (MARIA).

Apesar de a professora Maria afirmar ser contra esse projeto de lei, percebemos que, na verdade, sua percepção comunga com as ideias postas tanto no projeto municipal, como também no projeto de Escola sem Partido, de uma forma mais geral, onde alguns assuntos ganham legitimidade e outros são proibidos do contexto escolar com a justificativa de que esses vão influenciar as e os estudantes.

Sabemos que os criadores e defensores desses projetos, que se dizem contra o partidarismo na educação formal, buscam, na verdade, a reprodução das suas ideias e partidos. Quando os assuntos estão á favor de quem os criou, são considerados legítimos, mas quando esses são temas que instigam a reflexão sobre a organização social e política do país, ganham a nomeação de ideologias que vão influenciar a percepção dos indivíduos.

O professor João, por sua vez, é formado em Pedagogia, com especialização em Planejamento Educacional. Atua na educação há mais de 30 anos, trabalhando tanto como professor, em escolas privadas e públicas, como também na gestão de escolas. Atualmente é professor efetivo do município e se encontra afastado de suas atividades de sala de aula por motivo de saúde, sendo remanejado para atividades de auxílio à gestão da mesma forma que a professora Maria.

Conforme suas palavras, a escola tem como principal função trabalhar o conteúdo, manter a disciplina e ensinar as alunas e alunos seus direitos e deveres. Afirma também que o principal desafio da escola é a existência de profissionais que não tem vocação para trabalhar na educação, o que acaba gerando problemas na aprendizagem dos estudantes e no rendimento escolar.

E sobre a temática de gênero, ele declara já ter participado de uma formação oferecida pela Secretária de Educação, intitulada de “Amor à vida”, onde a temática de gênero havia sido trabalhada. Porém, a ser questionado sobre o que tratava essa formação, o professor respondeu:

Falavam muito de respeito, respeitar a opção sexual do outro. E da importância de esclarecer certas coisas com os alunos. Por exemplo, o aluno chamar o órgão genital por vários nomes, que acabam sendo palavras ofensivas, como *priquitu, xoxota, pinta*,... Aí eles ensinaram que era preciso a gente ensinar o termo correto: pênis, vagina. Falava sobre a higiene do órgão genital, da saúde, doenças... (JOÃO).

A referida resposta mostra que o assunto abordado na formação oferecida se tratava, na verdade, da temática da sexualidade, trabalhado, principalmente, na perspectiva biológica e da saúde. O que reforça a constante confusão feita entre os termos gênero e sexualidade. Isso também ficou vivível quando o indagamos sobre o que conhece sobre o conceito de gênero.

Gênero trata da sexualidade, muitos aqui, eu já percebi, tem tendência ao homossexualismo e vejo alguns alunos também já apresentando uma tendência. Até as meninas também. E vejo isso tanto nos alunos do Fundamental I, como no Fundamental II. Esse tema diz que é importante respeitar a opção do outro. O respeito é muito importante (JOÃO).

Ou seja, o conceito de gênero acaba sendo entendido como sinônimo de sexualidade. Essa comum associação dos termos evidencia a constante busca da garantia da norma heterossexual. Conforme Louro (1997), “a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da "normalidade" (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero)” (p. 80).

Judith Butler (2010) também reflete sobre essa relação entre gênero e sexualidade. Para isso, ela apresenta uma discussão sobre a heteronormatividade compulsória, destacando como a sociedade se organiza para garantir a reprodução de uma única sequência entre sexo, gênero e sexualidade. Essa sequência, apresentada pela autora, trata de uma lógica que defende: se o sujeito nasce com um sexo (órgão sexual feminino ou masculino), ele vai ter uma identidade de gênero coincidente com seu sexo (feminino ou masculino) e vai sentir desejo por pessoas do sexo oposto. É como afirma Louro (2016):

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista (LOURO, 2016, p. 15).

Outra questão que merece destaque na fala de João é o termo homossexualismo. Esse termo, muito utilizado há alguns anos atrás, é hoje alvo de críticas por parte dos

movimentos sociais e estudiosos na área, exatamente por expressar uma visão preconceituosa a respeito da homoafetividade, associando-a a doença ou desvio de conduta. As questões culturais e históricas, portanto, a respeito das feminilidades e masculinidades não foram consideradas.

E, sobre o projeto de lei municipal proibindo o trabalho do tema na escola, disse não ter acompanhado, soube da existência e da repercussão, mas que não soube do que se tratava.

E, por fim, o professor José é formado em Matemática, com especialização em Ensino da Matemática e Física. Atua na educação há nove anos. Desde o ano de 2014 é professor efetivo do município e faz um ano que trabalha na instituição investigada, ministrando aulas de Matemática para os anos finais do Ensino Fundamental.

Declara ainda que a escola tem como principal função o trabalho com o conhecimento técnico-científico e também com a formação cidadã das alunas e alunos, o que amplia as responsabilidades da instituição. E garante que o principal desafio enfrentado no contexto atual diz respeito à escola se tornar em tempo integral.

Sobre a temática de gênero, alega nunca ter participado de nenhuma formação sobre o assunto. E sobre gênero diz:

Eu costumo dizer que a educação brasileira trabalha por moda, o que é moda no momento? Na época da minha graduação era moda se discutir processo avaliativo, educação afetiva. Então, o que tinha de palestras e congressos era voltado para isso. Agora que tá na moda, digamos assim, trabalhar mais a questão da identidade de gênero. Então, acho que quem está na graduação agora é que vai está recebendo essas orientações (JOSÉ).

E complementa sua resposta afirmando que o tema gênero entra nas escolas municipais não como um conteúdo a ser trabalhado, mas como um assunto de apoio, servindo de orientação para as professoras e professores saberem como lidar com certas questões dentro da sala de aula.

A temática de gênero veio ser distribuída no município, não como um material de formação, mas como material de apoio. Mas não foi repassado nenhum material para alunos, somente como orientação de postura para os professores, de postura, de trato. Lembrando conceitos e preconceitos, a diferença de conceitos e preconceitos para que se possa trabalhar. Na verdade foi uma orientação. Material físico, concreto, não (JOSÉ).

É importante destacarmos, na resposta de José, o fato de nunca ter recebido nenhum material na escola a respeito da temática de gênero, principalmente direcionado as alunas e alunos, o que vai contra a divulgação, por parte de alguns políticos, da existência de Kits Gays na escola.

Também é importante destacarmos que o professor José afirma ter conhecimento sobre o tema apesar de afirmar não ter participado de nenhuma formação. Sobre o conceito de gênero ele diz:

Conheço. Eu trabalhei em um projeto, junto ao governo do Estado do Ceará, onde havia uma disciplina de “Núcleo, Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais”. Nela a gente trabalhava a questão de gênero. Uma das coisas que a gente passava era que a identidade, ela precisa ser descoberta por você, não é o que os outros dizem. Mas é um trabalho muito difícil de se fazer porque ainda existe muito preconceito. Então, também havia o trabalho de se quebrar o preconceito, mostrar o que é preconceito e o que é conceito, mostrar a diferença dos dois, para que eles pudessem ter abertura e falar. A gente percebeu, na época, do Estado, um grande avanço. Mas, a questão é: como trazer isso para o município? Porque o público é bem mais jovem e é um tema muito delicado para se tratar com adolescentes entre 11 e 14 anos que é a nossa faixa etária. Então é um tema muito delicado e a gente não sabe se cabe esse tema, para se trabalhar de forma direta, dentro das disciplinas regulares. Mas, de forma indireta, a gente vai trabalhando, vai preparando, como eu disse, a questão de conceito e preconceito, vai trabalhando o que já se existe de material didático e pedagógico nessa questão (JOSÉ).

Afirma ainda que acompanhou as discussões sobre o projeto de lei municipal e que discorda dele. Acredita ser importante o trabalho do tema na escola. Mas enfatiza a necessidade de trabalhar o assunto só a partir do 9º ano do Ensino Fundamental, uma vez que trabalhar o assunto com crianças mais novas poderia influenciar na formação das suas identidades.

Vemos, nessa apresentação inicial das profissionais e dos profissionais da escola, tanto uma variedade de formação, como também uma variedade de percepção sobre a temática de gênero. Contudo, foi comum a associação do tema com questões ligadas a sexualidade, questão essa que se tornará ainda mais evidente nas respostas apresentadas nos tópicos que seguem.

5.2 GÊNERO NA ESCOLA: PRESENCAS E AUSÊNCIAS

Após o surgimento de leis municipais com a intenção de proibir o trabalho da temática de gênero nas escolas, uma discussão começou a ser travada com a seguinte questão: o conceito de gênero está presente ou ausente no cotidiano das escolas? Ele é trabalhado como um conteúdo ou está imbricado nos diversos assuntos trabalhados nas aulas?

Como já destacamos, a escola, a partir de tudo que acontece nela, de forma intencional ou não, explícita ou não, produz e reproduz o tempo todo noções de feminilidades e masculinidades. Essas noções exercem uma influência fundamental na construção das identidades de gênero dos indivíduos que a frequenta. E, portanto, a temática de gênero está presente no cotidiano das escolas.

Louro (1997), referindo-se a presença do tema sexualidade na escola, afirma:

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". (LOURO, 1997, p. 81).

Da mesma forma podemos estender a compreensão para as questões de gênero. Não é possível, em determinado momento, deixar de produzir noções de feminilidades e masculinidades. O gênero, assim como a sexualidade, faz parte dos sujeitos. Esses, ao longo das suas vidas, vão performatizando suas identidades femininas e ou masculinas (BUTLER, 2010). E, como já afirmamos, essas identidades são construídas a partir do contato com as diversas instituições sociais na qual frequenta, sendo a escola uma dessas instituições.

No entanto, quando se trata de trabalhar diretamente essa temática com alunas e alunos, não podemos chegar à mesma afirmação. A própria legislação educacional brasileira deixa margem para o tema não ser considerado no currículo das escolas, uma vez que gênero ou aparece diluído dentro da categoria diversidade ou simplesmente a partir da sua proibição, como é o caso do Plano Estadual de Educação do Ceará, como já destacamos no capítulo anterior.

Além disso, os discursos e representações de feminino e masculino são, muitas vezes, tomados como naturais, fazendo com que as pessoas não percebam que, na verdade, estão produzindo gênero. Ou seja, “Tal ‘naturalidade’ tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas” (LOURO, 1997, p. 60). É por isso que muitos confundem trabalhar gênero com algo que precisa ser feito, obrigatoriamente, da mesma forma que um conteúdo de matemática, por exemplo.

Ao perguntarmos se a temática de gênero está presente na atuação da escola, elas e eles responderam:

Sim, embora nós temos o Fundamental II, que são adolescentes, e trabalhamos com crianças, que são do Fundamental I, mas nós temos projetos que aborda sim, né? Quando nós falamos de cidadania, né? Nós temos um projeto de leitura e cidadania, nós temos projetos da não violência, nós temos projetos sobre Bullying. E tudo isso está intrinsicamente ligado a essa questão (ROSE).

Sim, com os projetos que a escola desenvolve (JOÃO).

Não, não está. Apesar de acreditar na importância de trabalhar esse assunto para o Ensino fundamental II, eu não coloco para o I, essa orientação para o Ensino Fundamental I é muito delicada e eu acho que não é o momento de se colocar. Para o Ensino Fundamental II, ela deve ocorrer de forma de orientação, do que existe na sociedade. As crianças estão na fase de construir sua própria identidade, a partir do sexto ano, e o gênero faz parte da identidade, seja ele homossexual, bissexual, e isso só vai com a ajuda de um profissional. Então, eu acredito que esse trabalho deve ser feito por um acompanhamento individualizado por um psicopedagogo [...]. Então, nessa faixa etária é orientação do que existe, do que ele pode ser. Já no Ensino Médio, ele já está com aquilo definido. A questão ali é como ele expressar a sua escolha. Isso vai além da religião (JOSÉ).

Não, aqui nós não... Assim, aqui não veio nada, porque houve esse projeto na época e aí, assim, eu trabalho três horários e às vezes eu não tenho tempo de acompanhar, de ler, de pesquisar, porque eu sou uma pessoa que não paro, [...]. Então, eu acho que às vezes eu fico um pouco alheia ao que tá acontecendo, porque eu não sei nem como ficou finalmente esse projeto (MARIA).

Percebemos nas falas das pessoas entrevistadas uma compreensão de que trabalhar gênero é falar o assunto diretamente com as alunas e alunos. Por isso,

associam à existência de projetos na escola. O professor José e a professora Maria afirmam, no entanto, que a instituição não aborda o tema, contradizendo o já afirmado pelos colegas de trabalho.

O professor José, por sua vez, ainda enfatiza a importância de trabalhar o tema só a partir do Ensino Fundamental II, pois, conforme suas palavras, o assunto, quando trabalhado com crianças menores, poderá influenciar a formação de suas identidades, ficando esse assunto a cargo de um profissional formado na área da psicologia, o que expressa a compreensão de que qualquer desvio da norma cultural sobre o que é ser mulher ou o que é ser homem, é vista como algo patológico e que carece de tratamento.

O não falar sobre determinados assuntos com alunas e alunos também se constituem como formas de produção e reprodução de gênero.

Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejar-los/as. (LOURO, 1997, p. 68, grifos da autora).

Outra questão visível nas respostas, importante de se destacar, diz respeito ao fato delas e deles desconsiderarem os outros momentos do cotidiano da escola em que as feminilidades e as masculinidades também são produzidas e reproduzidas. Entretanto, ao serem questionadas e questionados sobre o papel da escola no repasse de valores e representações de gênero próprios do nosso contexto cultural, declararam que a escola exerce sim uma contribuição fundamental.

Falando sinceramente, em linhas gerais, sim, a escola contribui. Mas existem escolas e escolas. Existe a desconstrução em alguns pontos de vistas. Mas, quando nós falamos de escola, em linhas gerais... A escola nunca foi neutra e ela vai estar sempre, como à educação também não é neutra e infelizmente eu ainda vejo a escola do lado de quem oprime. Existe a desconstrução. A metodologia de projetos, eu volto a mencionar, ela está nessa metodologia da desconstrução, desses pensamentos, desses costumes, dessas regras que vem arraigados há muito tempo, até pelo próprio sistema (ROSE).

Sim. A escola cumpre esse papel. É preciso conversar com os alunos, mostrar o que é a vida, a realidade, já no sentido de preparar para a vida. A gestão faz esse papel, mostra a realidade e os desafios da vida.

Em relação a essas regras e valores sobre o que é ser homem e ser mulher, a escola também trabalha nisso, como eu disse, para preparar esses meninos e meninas a viver em sociedade, ensinando o certo e o errado, a realidade mesmo (JOÃO).

A escola trabalha na verdade na desconstrução. Eu acho que via de regra nós não podemos tomar partido. Nosso Estado é laico, apesar de algumas particularidades, é laico. É predominantemente cristão, mas existem religiões de cunho não cristão, como vertentes do espiritismo e a Umbanda. Mas temos católicos, evangélicos, espíritas caderquistas, que são a maior parcela da nossa população hoje que é de vertente cristã. Isso traz conceitos de casa que quando se encontra com essas minorias gera conflitos. A nossa desconstrução não é na desconstrução do conceito que ele trouxe de casa. Não. A nossa desconstrução é no conflito, evitar o conflito, tanto dentro da escola, para que ele saia daqui com uma visão de que porque é de uma religião diferente eu tenho que entrar em conflito, eu tenho que trazer ele para minha religião. A gente tenta mediar para que isso não aconteça, não entre em conflito, para quando ele sair da escola não gere um conflito na sociedade. Mas, é muito difícil de se fazer, é muito delicado, tem muito pai que reclama, aqueles mais fervorosos, sabe? É muito difícil de se fazer, mas a gente tenta (JOSÉ).

Sim, mas eu vejo que esses valores vem mudando. Vem mudando porque a gente... É tanto que quando eu faço frase em inglês, por exemplo, eu lembro que eu coloquei uma frase assim: “*She is a taxi drive*”, uma motorista de taxi, “*She is a drive truke*”, que é motorista de caminhão, porque já tem, a gente já ver que as mulheres hoje... Já existem mulheres pedreiras, né? É tanto que eu digo aos meninos assim: “acordem que as meninas estão conquistando o lugar de vocês”. Agora tem meninas manuseando máquinas pesadas, num é? Dirigindo caminhões, carregando carga, né? Eu acho assim, por conta da segurança, eu não assumiria uma profissão dessa, só por conta da segurança mesmo, porque uma mulher tá na estrada num caminhão, né? Eu acho que é perigoso. Mas, hoje em dia eu acho que essa questão aí, a gente não faz mais essa diferença, pelo contrário, por conta que a gente tem visto que a mulher tem lutado mais. Eu digo é muito no Fundamental II: “as meninas estão conquistando os espaços que é de vocês”. É tanto que a gente ver que as mulheres estão avançando mais nas diversas profissões. Então, eu acho que não existe mais isso não (PROFESSORA MARIA).

A partir das respostas obtidas, podemos perceber que todas e todos concordaram com o fato da escola participar do repasse de valores a respeito do que é ser uma mulher e um homem. A diretora Rose afirma, porém, que a prática da escola busca a desconstrução de valores de gênero próprios do nosso contexto cultural, que colocam a mulher, muitas vezes, em situações de desigualdades em relação ao homem.

O professor João destaca, no entanto, que esse repasse de valores é importante para a preparação da vida em sociedade e não menciona o fato de muitos desses valores trazerem consigo concepções preconceituosas e dicotomizadas.

O professor José, por sua vez, enfatiza o papel da escola na desconstrução de valores de gênero que tomam a mulher e o homem de uma forma estereotipada e preconceituosa, mas ressalta que o trabalho da escola não é desconstruir o já aprendido em casa, principalmente a partir das diversas interpretações religiosas, e sim para evitar o conflito entre os diferentes.

Essa ideia, posta pelo professor José comunga com o chamado multiculturalismo assimilacionista. Conforme Candau advoga,

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade multicultural não existe igualdade de oportunidades para todos/as [...]. Uma política assimilacionista – perspectiva prescritiva – vai favorecer que todos/as se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica (CANDAU, 2013, p. 20).

Pensar dessa forma, portanto, é reconhecer a existência da diferença, sem refletir sobre ela. É compreender que o diferente existe e que ele precisa ser integrado e respeitado, mas não se colocam em questão a própria concepção e produção da diferença. Partem, assim, da ideia de que o outro precisa ser tolerado, pois ele existe.

Todavia, existem outras formas de compreender a diversidade cultural. Podemos mencionar o multiculturalismo diferencialista e a interculturalidade. O primeiro compreende que a diferença precisa ser afirmada, valorizada e para isso é indispensável “garantir espaços próprios e específicos em que estas se possam expressar com liberdade, coletivamente” (CANDAU, 2013, p. 21). Aqui, também vemos a naturalização das diferenças, uma vez que essas são aceitas e não questionadas.

Por outro lado, a segunda abordagem mencionada, a Intercultural, busca tanto romper com a visão naturalizada das diferenças, afirmando que essas são histórica e socialmente produzidas, como também reiteram a importância dos conflitos, não como agressões, mas entendidos como possibilidades de diálogos, negociações, enfrentamento das desigualdades.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetrias de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas (CANDAUI, 2013, p. 23).

E esse, na nossa concepção, é o verdadeiro papel da escola, trabalhar no sentido de refletir sobre a própria produção da diferença e principalmente buscando desvendar como essa se transforma em desigualdades.

Para finalizar essa questão é crucial frisar, da mesma forma, a resposta da professora Maria. Essa, inicialmente, destaca que a escola vem trabalhando no sentido de desconstruir valores estereotipados a respeito do feminino e do masculino, citando exemplos da sua própria prática. Porém, em seguida, declara sempre advertir seus alunos sobre a possibilidade de perderem seus “lugares” para as mulheres. Isso acaba por demonstrar uma concepção naturalizada dos papéis sociais das mulheres e homens e, da mesma forma, uma concepção fixa de fronteiras que demarcam a feminilidade e a masculinidade.

Conforme a fala da professora Maria, a mulher trabalhar dirigindo caminhão, por exemplo, significa tomar uma profissão que é naturalmente do homem e, logo, atravessando os limites da fronteira estabelecida para o sexo feminino.

É provável que para algumas crianças — aquelas que desejam participar de uma atividade controlada pelo outro gênero — as situações que enfatizam fronteiras e limites sejam vividas com muita dificuldade. Como aponta Barrie Thorne, a “interação através das fronteiras de gênero”, ou seja, o contato com o outro, tanto pode abalar e reduzir o sentido da diferença como pode, ao contrário, fortalecer as distinções e os limites (LOURO, 1997, p. 79).

Demarcar os lugares, nesse caso, alegando o que é da mulher e o que é do homem, é fortalecer as fronteiras e a vigilância delas. É, nesse contexto, que surgem as discussões a respeito das transgressões de gênero. O indivíduo transgrede a norma posta culturalmente, indo além das fronteiras estabelecidas.

Desta forma, podemos constatar que gênero se faz presente na escola, na medida em que as noções de feminilidades e masculinidades são constantemente produzidas e reproduzidas nesse espaço. Contudo, as professoras e os professores só reconhecem a presença dele quando este é trabalhado como um conteúdo, principalmente por meio de

projetos que tratam das diversidades e da violência. Com isso, ressaltamos a necessidade das educadoras e dos educadores conhecerem o que é gênero, como ele está presente na escola, como a escola age na produção das feminilidades e masculinidades e como podem agir para a construção de uma escola mais diversa, inclusiva e democrática.

5.3 MENINAS DE UM LADO, MENINOS DE OUTRO: REFLETINDO SOBRE SEPARAÇÕES DE GÊNERO

Separar as alunas dos alunos é algo que comumente acontece nas escolas. Existem separações na organização de filas, nos banheiros, em certas atividades em sala de aula, na hora do recreio, na aula de Educação Física, nas cores destinadas a cada um. São essas demarcações rígidas e as proibições que inibem a liberdade dos sujeitos que merecem nossa atenção e reflexão, uma vez que essas podem estar reproduzindo estereótipos e desigualdades.

Sobre a necessidade de haver diferença na educação de meninas e meninos, os sujeitos entrevistados responderam:

Não, educação é transformação. Se eu faço uma distinção entre educação de meninos e meninas eu estou negando a realidade da transformação. Educação é construção para a vida, construção para a cidadania. Eu tenho que transformar ideias. Então se eu falo da educação de menino e de menina, eu estou criando uma *apartheid*. A palavra não me veio agora. Mas eu estou diferenciando. Educar é transformar, na minha opinião (ROSE).

Não, não. Deve ser igual. Não tem como separar não. Não se fala tanto de direitos iguais? Então, não tem como separar (JOÃO).

Não, não deve existir, apesar de existir diferença na evolução cognitiva de meninos e meninas, mas separa-los pelo gênero não é a melhor forma de se fazer um trabalho educacional, pode gerar outros conflitos. O ideal é fazer, como o PAIC costuma fazer, adequar o abstrato e o concreto como exemplificações de um mesmo tema pra uma faixa etária específica (JOSÉ).

Na educação não. Não deveria existir. Eu acho que deveria trabalhar com ambos do mesmo jeito, porque assim não há necessidade. Em

termo de conteúdo não. Você vai trabalhar o conteúdo na sala como um todo, né? (MARIA).

Vemos nas respostas apresentadas que todas e todos concordam que não deve haver diferença na educação de meninas e meninos. Porém, é necessário destacar a resposta do professor José que, mesmo afirmando não haver necessidade de separar, declara existir uma diferença no que ele chama de evolução cognitiva de meninas e meninos. Sobre isso ele explica:

[...] trazendo para o campo da matemática, que é a minha área, quando eu vou ensinar lá no Ensino Fundamental I os numerais, é muito mais fácil para uma menina absolver associando um numeral ao símbolo, ela consegue fazer isso rapidamente, o menino não, o menino precisa muito mais do concreto nessa idade. Então, ele precisa associar o número a uma quantidade, então a gente traz uma caneta e o símbolo, até que ele entenda que aquele símbolo representa um, mas não só uma caneta, representa uma caneta, um lápis, ele leva um pouco mais de tempo do que as meninas. Quando a gente chega no sétimo ano do Ensino Fundamental começa a se inserir a álgebra. A álgebra vem trabalhar de forma mais abstrata e é justamente na fase que as meninas estão trocando o abstrato pelo concreto e os meninos o concreto pelo abstrato, Então vai ser mais fácil para o menino identificar o que é uma variável x , do que para uma menina. Eu preciso encontrar uma forma concreta de mostrar para ela o que aquilo representar. E isso posso fazer com exemplos claros de compras do dia a dia. Maria foi comprar duas camisas e uma calça, a calça custou 80,00 e ela pagou 140,00 por tudo, então quanto custou as duas camisas? Porque é um trabalho que ela já vem acostumada a fazer no fundamental I e ela vê que a variável nada mais é do que um valor desconhecido que ela precisa encontrar. Mas até que ela consiga fazer essa associação, ela vai levar um pouco mais de tempo do que o menino, isso não por via de regras, mas na maioria dos casos, que é do desenvolvimento cognitivo humano, da natureza humana. Mas não deve separar, de forma alguma, a forma de entendimento entre eles, na interação um pode ajudar o outro a entender melhor, né? (JOSÉ).

O entendimento do professor José comunga com a ideia de que mulheres aprendem de forma diferente do homem. Essa ideia, defendida em alguns estudos ligados à psicologia e a biologia, principalmente, partem de noções naturalizadas sobre o processo de desenvolvimento cognitivo, assim como também se utilizam de concepções essencialistas e universalistas do que é ser uma mulher e um homem, desconsiderando, assim, as questões culturais e subjetivas imbricadas tanto no processo de aprendizagem e desenvolvimento, como também nas produções das noções de gênero.

Em relação a essa concepção de diferenças na aprendizagem de meninas e meninos, Dal'Igna (2007) destaca:

No que diz respeito a uma das implicações do conceito de gênero – mais especificamente aquela que se refere ao seu caráter relacional –, poderíamos argumentar que os mesmos discursos que permitem que as meninas sejam narradas e posicionadas como carentes de um tipo de raciocínio considerado correto possibilitam que os meninos sejam apresentados e descritos como dotados, por natureza, desse modo de raciocinar. A capacidade intelectual dos meninos não é colocada em questão, uma vez que seu insucesso é justificado de outras formas. (DAL'IGNA, 2007, p. 250).

Ou seja, quando nos utilizamos dos estudos de gênero para analisar a situação apresentada pelo professor, vemos que as noções sobre a capacidade cognitiva de meninas e meninos são construídas a partir de diversos discursos produzidos e reproduzidos com base nas diferenças atribuídas a cada sexo. Declarar que os meninos têm mais habilidades na Matemática do que as meninas significa afirmar também que a aprendizagem é apenas um processo de desenvolvimento orgânico e que o contexto social nada interfere no aprender.

Podemos afirmar, com isso, que as diferenças existentes entre a aprendizagem da aluna e do aluno não dizem respeito a diferenças de capacidades, mas sim de diferenças na forma de serem compreendidos e tratados. Isto é, “o campo supostamente neutro das equações, contas e números constitui uma arena onde a própria capacidade de pensar é questionada e posicionada estrategicamente para fortalecer histórias e identidades” (COSTA apud DAL'IGNA, 2007, p. 250).

Assim, após afirmarem que meninas e meninos devem ser educados da mesma forma, indagamos se existe na escola alguma situação em que se faz necessário essa separação. Elas e eles responderam:

Somente a hora do banho. Somente a questão dos banheiros, porque aqui é integral e como escola de tempo integral, o horário de onze e meia às treze horas eles almoçam eles ficam no pátio, brincando, descansando. Então tem as brincadeiras orientadas, mas não que a menina não jogue futebol com os meninos. Joga sim, pode jogar. O menino joga xadrez. Tem uma sala de jogos onde eles ficam o tempo todo com acompanhamento de um professor, mas que o que tange a um, tange também aos outros. Não existe essa separação (DIRETORA ROSE).

Depende. Por exemplo, em campeonatos que queira fazer uma competição entre meninos e meninas ou alguma atividade em grupo, aí separa as meninas dos meninos, mas aí depende da vontade do professor. Se a menina quer brincar de futebol, a gente deixa. Ela quer? Então brinca, pode ir (PROFESSOR JOÃO).

Eu não entendo dessa forma, em nenhum momento. Eu acho que a interação ela faz muito bem, até para uma vida social mais ativa, se você priva uma criança de... meninas não ter contato com os meninos, isso pode gerar um conflito mais na frente de relação heterossexual por exemplo, né? E isso é uma forma de se influenciar, uma das formas de se influenciar a homossexualidade ou até a bissexualidade. Eu já vi estudos, eu não lembro aonde, mas eu já li artigos falando sobre isso e me convenceram, me convenceram de que o melhor é você manter a interação desde criança, observando os limites, principalmente quando se chega no Ensino Fundamental II, que essa interação começa a ter um outro sentido, né? Já passa a ter um sentido mais afetivo (PROFESSOR JOSÉ).

Não, a gente não tem isso não (PROFESSORA MARIA).

Vemos, conforme as respostas apresentadas, que na escola não existem momentos ou situações em que seja preciso separar alunas dos alunos, com exceção do banheiro, como destacado por Rose ou quando a professora ou o professor assim o queira como destaca João.

As separações dos banheiros é um assunto complexo que vem gerando muitas discussões. Por que existem dois banheiros? Por que é necessário separar as meninas dos meninos nesse espaço? É possível criar um banheiro que possa ser usado por todas as pessoas? Ou o ideal é criar tantos banheiros quantas as especificidades humanas existentes? Separar ou incluir? Essas e outras questões se fazem presente nas discussões sobre gênero e separações dos banheiros.

É muito comum na nossa sociedade vermos a existência de um banheiro para o público feminino e outro para o público masculino, principalmente em instituições públicas e outros estabelecimentos. Essa separação já é tão rotineira, que dificilmente as pessoas questionam a necessidade de haver essa separação, se acostumaram com ela e, inclusive, a defendem como necessária por questões de higiene e segurança, especialmente para as mulheres que se encontram, na maioria das vezes, em uma situação de vulnerabilidade constante.

Essa divisão expressa questões que vão muito além do simples dividir o uso de espaços. Nesse caso, podemos constatar a expressão de uma visão dicotomizada dos seres humanos, ou se é feminino ou se é masculino, o que acaba por desconsiderar as diferentes formas de ser e de estar no mundo que não se enquadram nessa demarcação polarizada. E, ainda, revela a naturalização de certas características da mulher e do homem, quanto à organização, a higiene e o respeito ao próximo. Ou seja, já é tão naturalizado situações de desrespeito aos corpos femininos, por exemplo, que esses precisam frequentar outro espaço para não serem infringidos.

As brincadeiras, da mesma forma, se mostram momentos propícios para as separações, pois, como já afirmamos, a nossa cultura acabou por criar distinções entre o que é brincadeira de menina e o que é brincadeira de menino. Sobre os momentos lúdicos que acontecem na escola, elas e eles responderam:

Existe uma mistura. Não existe... Claro, se a menina que ir brincar de futebol na quadra ela vai. Não existe, assim, esse direcionamento e... Agora vejo que isso é uma pergunta interessante porque eu não vejo muito essa questão de: Não, eu vou brincar só de pular corda porque eu sou menina, não. Eu vejo muito, na hora do intervalo, na hora do almoço, o menino pulando corda... Está havendo também esse resgate, nós estamos tentando resgatar essas brincadeiras que evita o celular, que evita o distanciamento. E eu vejo muito os meninos pulando com as meninas, balançando a corda ou o inverso, as meninas pulando com os meninos. Então, é muito tranquilo (DIRETORA ROSE).

A separação que acontece é das etapas de ensino, primeiro é o intervalo do Fundamental I e depois do Fundamental II. Mas não percebo essa separação. Vejo meninos brincando de corda com as meninas, de elástico, de dama. A gente sempre disponibiliza esses brinquedos e eles sempre brincam juntos (PROFESSOR JOÃO).

Existe sim, mas a gente tenta inibir ao máximo. Mas como eu disse é uma situação que vem de casa. Meninos não pulam corda, meninos não brincam de amarelinha, meninas não brincam de polícia e ladrão. Mas a gente já vê uma, uma... Eles já começaram a se mesclar. Interagem, apesar de que entre eles surgem às piadinhas porque é questão de conceitos que são construídos em casa. A gente inclusive tem dois rapazes que gosta de brincar com as meninas de elástico e não necessariamente eles apresentam uma identidade de gênero diferente da heterossexualidade. [...]. Mas a gente vê que as crianças daqui já há uma interação. A gente vê meninas brincando de polícia e ladrão, meninos brincando de elástico... (PROFESSOR JOSÉ).

Não existe. Inclusive a gente percebe que tem meninas que brincam com meninos e que são... Mas a gente vê os meninos com figurinhas e as meninas junto, porque podia ser mais só os meninos, né? As figurinhas no intervalo até que eu acho bom porque eles ficam ali quietos, só no bate e bate [...] (PROFESSORA MARIA).

Consideramos que o momento da brincadeira é muito importante para o desenvolvimento da criança. Esses momentos de diversão proporcionam interação e, ainda, exercitam a mente, o corpo e as emoções. “As crianças, capazes de múltiplas relações, estão a todo momento experimentando diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, fazendo coisas movidas pela curiosidade e vontade de conhecer o mundo” (FINCO, 2003, p. 96).

É também por meio da brincadeira que papéis sociais são afirmados e reproduzidos. Certas formas de brincar servem como preparação para a vida real. O brincar de boneca, de escolinha, de carrinho permite a criança interpretar situações reais do seu dia a dia ocupando outro papel. Elas imitam os pais e mães, outros familiares, as professoras e os professores, simulam ser alguém que viu na revista ou passou na televisão.

Logicamente, no ato de brincar, a imaginação da criança não está presa, obrigatoriamente, às situações reais do dia a dia e nem muito menos ao brinquedo. É possível vermos, por exemplo, uma criança brincar de avião utilizando uma boneca para simular o transporte aéreo. Mas, muito do que a criança experimenta e vivencia no seu cotidiano é reproduzido no brincar.

E esse ato de interpretar situações reais gera aprendizagens sobre o que é ser um homem e uma mulher. Quando a menina é direcionada a brincar de boneca e o menino de bola, além de ocorrer uma separação entre as brincadeiras, acontece também uma demarcação de lugares e papéis sociais. “A expectativa de que aos meninos cabem atividades mais excitantes que exigem força, agilidade e destreza, encontra paralelo na ideia, segundo a qual as meninas preferem ficar sentadas, ou brincando de roda, ou cantando canções de ninar [...]” (TOSCANO, 2000, p. 64).

E quando essa divisão se torna repetida, os indivíduos vão internalizando que isso é o correto e o normal. A criança que não atende a essa determinação, sente vontade de brincar com algo não destinado ao seu sexo, é vista como errada e, portanto, é anormal.

Assim, podemos afirmar a existência de uma distinção entre “brincadeiras de meninas” e “brincadeiras de meninos” na nossa sociedade. Essa divisão se dá exatamente nas brincadeiras que proporcionam a simulação de situações reais do cotidiano, como cuidar da casa, dos filhos, dirigir, jogar futebol, para citar alguns exemplos, sendo essas demarcadas a partir de noções de feminilidades e de masculinidades aceitas como corretas.

Sobre a separação existente no meio social entre a brincadeira das meninas e dos meninos afirmaram:

Na verdade isso já é uma questão de cultura, está arraigada essa questão de presente as meninas com bonecas e os meninos com o carrinho, mas... [...]. Não existe isso, é só uma brincadeira, né? É só um meio deles se expressarem e com isso eles crescerem e serem adultos realizados. Indêpende da bola ou da boneca. Isso pode parecer errado aos olhos de alguns, nós estamos vivendo num tempo de retrocesso, mas eu não vejo com bons olhos a imposição do menino vestir azul e a menina vestir rosa. É uma escolha, vesti preto, vermelho, amarelo. Nós estamos formando pessoas (ROSE)

Acredito que não tem necessidade, é besteira. Não é porque um menino vai brincar de boneca que ele vai se transformar em uma boneca. Mas tem gente que acredita nisso. Não é o brinquedo não. (JOÃO).

Mas isso se você for perceber são signos históricos. No Egito essa separação não existia, no período final do império grego isso também não existia. São períodos. Como nós derivamos muito do “American your of life”, da cultura americana, que tem uma formação cristã protestante muito sólida, a gente acabou incorporando conceitos religiosos dentro da nossa formação social. Mas são coisas que só o tempo pode desmanchar, uma educação mostrando que o homossexual não é um monstro, já tem inclusive o próprio Papa na igreja Católica tá tentando, a via de muitas pedradas que tá levando, mas tá tentando desconstruir... (JOSÉ).

Eu acho assim, hoje em dias as coisas estão assim... Do jeito como o mundo está caminhando, né? A cultura, essa diversidade toda. Eu sei que tem família que deve existir, que tem ainda, né? Que vão proibir e tudo. Mas, eu acho assim... Minha menina, ela gostava de brincar muito de carrinho, aí um dia eu conversando... mas eu não proibi não, dela brincar de carrinho. Aí um dia eu conversando com outra colega ela disse assim: “mas a mulher dirige carro”. Aí por que eu ia impedir dela brincar de carrinho? Não impedi. Mas aqui a gente não vê... Porque a classe dos menores aqui, que ainda usa boneca é o terceiro ano, só. Porque esses outros é mais a figurinha, é mais a bola, o trancelim, o pega-pega, né? E brincam entre eles, a gente vê meninos

pulando corda aqui, sabe? A gente até incentiva porque é bom demais, se exercitam... E a gente vê que tem uns que tem uma certa feminilidade na maneira de andar, de falar e tal. Mas de boa, a gente num vai... Porque a gente precisa evitar o preconceito, sabe? (MARIA).

Vemos, com isso, que elas e eles concordam que a separação das brincadeiras não é necessária, pois tanto meninas como meninos podem brincar do que quiserem. Mas, reconhecem que socialmente existe uma diferenciação e ainda uma associação constante entre brincadeira, gênero e sexualidade. Isto é, meninas brincando num espaço demarcado para o público masculino, são vistas como transgressoras da norma heterossexual. E da mesma forma acontece com os meninos.

Apesar delas e deles declararem que na escola não existe essa separação, percebemos isso em alguns momentos da hora do recreio e principalmente na aula de Educação Física, ou mais especificamente na aula de recreação, como é chamada quando acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Uma história dessa disciplina, muito vinculada à Biologia e, então, à manutenção da saúde e da higiene, contribuiu para que aí fossem acionadas justificativas de ordem biológica (da ordem da "natureza") para a separação das turmas femininas e masculinas. Mesmo com o aporte das novas teorias e com os questionamentos provenientes dos Estudos Feministas, o debate sobre as "diferenças de habilidades físicas" entre os sexos continua controverso (LOURO, 1997, p. 73).

Nas nossas observações, presenciamos que existem brincadeiras serem praticadas tanto por meninas como por meninos, mas o futebol em específico se constituiu como um “espaço” de demarcação dos meninos, como já descrevemos no capítulo anterior. Sobre as meninas jogarem futebol, as entrevistadas e os entrevistados responderam:

As meninas jogam bola sim, elas... Na verdade, não existe um direcionamento, mas quando elas querem, elas podem jogar (ROSE).

Não, é raro. Geralmente quando a menina quer brincar de bola é porque ela tem tendência a ser sapatona. Ou melhor dizendo ao lesbianismo, que é o termo correto, né? (JOÃO).

O problema da nossa prática de esporte é a nossa quadra que não é coberta. Ela passa o dia inteiro no sol. Então, no horário deles de 11 e meia a 1 hora, é o horário que o sol tá a pico, então é difícil. Nem os meninos tão jogando bola, nem as meninas nesse horário. Somente nas aulas de Educação Física mesmo. Por isso que a gente colocou outras atividades que podem ser desenvolvidas no pátio sem nenhum prejuízo, como a corda, o elástico, dominó, xadrez, dama, polícia e ladrão porque eles podem correr nos espaços onde tem sombra, se esconder na sombra, enfim (JOSÉ).

Tem uma menina no 5º ano que se destaca muito na bola e ela, a gente vê, é um pouco masculinizada, sabe? Mas a gente faz é elogiar. “Eita mulher como tu joga bola, tu vai entrar na seleção e tal. Porque assim, se a gente ver uma pessoa que esteja... Hoje a questão da bola também não é mais tal assim, né? Tem o time masculino e feminino, né? (MARIA).

As respostas obtidas mostram tanto uma contradição com o que foi observado na pesquisa, pois não vimos nenhuma menina jogando futebol, como também apresenta uma correlação entre jogar futebol e masculinidade, como podemos ver nas respostas de João e Maria.

A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo (LOURO, 1997, p. 74).

Toda essa divisão é executada e justificada por uma naturalização de comportamentos e regras de condutas criadas culturalmente. Acredita-se que faz parte da natureza das meninas serem frágeis, assim como faz parte na natureza dos meninos serem mais fortes. Essa naturalização de comportamentos e a conseqüente separação acabam por reforçar situações conflituosas e, principalmente, justificar as desigualdades existentes entre eles e elas.

Dessa forma, podemos afirmar que separar brincadeiras ou práticas esportivas pelo sexo que a criança possui, é ter uma visão limitada e até mesmo equivocada sobre o que é brincar, sobre identidade, gênero e sexualidade.

5.4 DIFERENÇAS E DESIGUALDADES DE GÊNERO

Historicamente, vemos a escola como uma instituição que investiu e ainda investe muito dos seus esforços na padronização dos indivíduos que dela fazem parte (LOURO, 2010). Isso acontece no fardamento comum, nos conteúdos trabalhados, nas expectativas lançadas, na forma de avaliar, entre outras situações da escola que ignoram as especificidades dos indivíduos. Ou seja, a organização escolar acaba por “[...] priorizar o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um ‘problema’ a resolver” (CANDAU, 2011, p. 241).

Conforme Candau (2011) advoga:

As diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação (CANDAU, 2011, p. 246).

Com esse entendimento, buscamos, a partir das entrevistas, perceber a percepção das pessoas entrevistadas a respeito da diferença e das desigualdades de gênero expressas no espaço da escola. Para iniciarmos o assunto, indagamos como as alunas e alunos lidam com a diferença do colega. Sobre essa questão elas e eles declararam:

Sobre a questão das diferenças, nós temos, aqui, muitos alunos com limitações, alunos especiais, [...] isso já é também trabalhar as diferenças e o respeito às diferenças. Nunca houve uma discriminação em relação a uma criança que é especial. [...]. E o ano passado, foi interessante, foi uma onda assim, eu não sei se tinha um caso desses no programa Malhação, na rede Globo, que eles acompanham muito, ah pra eles a Malhação é tudo. Aí ano passado teve uma onda de: ah, eu estou me definindo como lésbicas, as meninas. Nossa! Elas até criaram um termo que eu até fiquei rindo depois, “o lesbianismo está solto aqui na escola”. E as meninas vinham falar sobre isso, né? “Olha eu gosto de menina”. Eu digo: pronto, mas a única coisa que você não pode é namorar dentro da escola, você é criança, então você vai ter que conversar com a sua família e isso pode acontecer, não aqui, mas não é o fato porque você descobriu gostar de meninas, aí já entra a questão de gênero, eu disse: é a questão de ser na escola. Passou, eu

tratei com toda naturalidade. Claro que eu chamei para falar que não podia ser dentro da escola, que a família precisava tomar conhecimento. Quando chegou no final do ano já estava tudo tranquilo. E esse ano ela já melhorou. Inclusive houve um probleminha com essa menina com ciúmes de um namorado de outra. Aí eu disse, inclusive ontem: mas aquela tua definição o ano passado que tu se descobriu lésbica. Ela disse: não tia, esquece, esquece. Eu digo: ah, pronto, então você já repensou. Ela disse: repensei tia, foi só um momento. Enfim, se eu tivesse feito um escândalo, transformado isso em algo fora do comum, eu não sei o que teria acontecido. Mas não, eu tratei com a maior naturalidade. Pode? Pode, você pode escolher o que você quiser, agora aqui na escola não, não pelo fato de ser na escola e vocês serem crianças. Não é permitido nenhum tipo de namoro, porque criança não namora e dentro da escola. Pronto, a proibição é essa, mas não pelo fato... Essa conversa, eu acho que surtiu um efeito muito bacana e hoje eu não vejo nenhuma delas com a onda cor de rosa. Tem aquelas que a gente percebe que... Assim, que elas já se descobriram de fato, mas também não é tratado de forma que os colegas escandalizaram, não, de jeito nenhum (ROSE).

Os alunos lidam bem com a diferença. Não percebo preconceito por parte deles não. Às vezes tem um apelido e outro, uma discussão, xingamento, mas a gente logo resolve e pronto. Teve uma vez que uma menina ficou na porta do banheiro masculino pra ver os meninos saindo do banheiro, tu acredita? Aí os meninos ficaram chamando ela de tarada, enxerida. Aí fui falar com ela, perguntar o que aconteceu. Ela disse que não tava na porta do banheiro para curiar os meninos tava era pra pegar um colega que tinha xingado ela de rapariga, tava era esperando ele sair. Aí eu disse: “mas você não era pra tá lá na porta do banheiro dos meninos, isso é feio, resolvesse isso depois, viesse falar comigo ou com outro professor, mas ficar na porta do banheiro... Não faça mais isso, olhe o que eles estão falando de você agora, deu nisso”. Aí depois dessa conversa ela parou de ficar lá no banheiro, ela entendeu (JOÃO).

Nós temos inclusive diferenças sociais. E a gente percebe formação de grupos, existem grupos formados por afinidades, tanto de cunho social, existe, como de cunho de interesses, por conflitos de interesses eles realmente não se misturam, se toleram por conta do trabalho que a gente desenvolve. Não só essa escola, a maioria das escolas promove esse trabalho pacificador. Mas, ocorre as formações dos grupos, a gente vê isso bem claramente na hora do almoço, fica um grupo aqui, um grupo lá, um grupo de meninas que ainda são mais crianças do que as outras da mesma classe, que tão ali conversando de namorico enquanto as outras tão aqui pulando corda, isso ocorre. A gente percebe essa resistência maior em sala de aula, quando vai formar grupos de trabalho, né? O que a gente faz e não determinar grupos, porque a gente tem trabalhos de seminários em que a gente delimita quem são os grupos ou sorteia, fica muito a critério do professor, mas a gente geralmente não os deixa à vontade pra escolher o grupo, a não ser que seja evento, como vai ter agora o dia das mães,

teve o aniversário da escola, então esse grupo gosta de fazer paródia, então a gente deixa que eles se unam em prol do evento, mas em prol do conhecimento acadêmico a gente tenta mesclar o máximo possível. Gera muito conflito, mas... (JOSÉ).

A gente observa... Eu acredito que os meios de comunicação tem colocado isso como natural, assim, a gente não vê ninguém fazer bullying nem nada, simplesmente as meninas que se dizem lésbicas, por exemplo, essas que às vezes ficam uma em cima da outra, né? A gente pede pra elas sair, elas saem. Os colegas de boa. Então, aqui graças a Deus aqui nós não temos esse problema. A gente tem conseguido manter o respeito (PROFESSORA MARIA).

A partir das repostas apresentadas, vemos que as alunas e alunos lidam bem com a diferença do outro e sabem respeitar, com exceção de alguns momentos que acabam por colocar apelidos ou proferir xingamentos com as colegas e os colegas como destacou os professores João e José.

É interessante destacarmos, na fala da diretora Rose, o fato dela atribuir a novela *Malhação* a causa para as meninas se declararem lésbicas, enfatizando que a representatividade de uma personagem da novela influenciou o posicionamento das alunas. E, apesar de afirmar não ter problema com a declaração da menina, afirmou em seguida: “esse ano ela já melhorou”. Dizer que esse ano a aluna melhorou, significa dizer que antes seu comportamento não estava bom e, portanto, o desvio da norma padrão heterossexual apresentado pela aluna foi visto como um comportamento ruim ou errado.

Também é interessante destacarmos a fala do professor João quando narra o caso de uma menina que foi xingada por colegas pelo fato de estar na porta do banheiro masculino. No caso, observamos que o professor foi conversar com a menina e não com os meninos, pois entendeu que estar naquele espaço era muito mais grave e fora do normal do que ofender uma colega.

Perguntamos também se elas e eles já presenciaram alguma situação de preconceito na escola. Relataram:

Não. É como eu estou te falando, teve a onda cor de rosa e os meninos respeitaram. Nós temos meninos já declaradamente homossexuais. Tem um que quer fazer uma campanha para ficar com as unhas e os cabelos de Pablo Vittar. E ele diz tranquilamente, inclusive ele pinta

as unhas de vermelho e eu pego nas unhas dele e digo: “Meu Deus, que inveja dessas unhas”, né? E ele mostra com todo orgulho e não existe nenhum fato de desrespeito em relação a isso. [...] Até porque eu vou escandalizar para quê, né? Aí assim, os meninos não desrespeitam, nunca houve nem um tipo assim de bullying cometido em relação a escolha dele. [...] Até as meninas ficam encantadas com as unhas dele, ficam querendo também. E não são unhas postiças, são unhas dele mesmo, são unhas que ele deixa mesmo e ele pinta de vermelho. E nunca ninguém ridicularizou, mas acho que é o trabalho que a gente faz, uma vez que a diretora não se escandaliza, que a professora não se escandaliza, os meninos aprendem também a respeitar, [...] (ROSE).

Nunca presenciei, há sempre respeito. Têm os xingamentos, os apelidos: bichinha, veadinho, sapatona, mas preconceito mesmo não (JOÃO).

Já sim, houve casos em uma determinada escola da rede municipal também, que eu já trabalhei, em que um dos alunos da sala era homossexual, um dos meninos, e por ser uma escola do distrito, em uma comunidade inteiramente católica, havia um... ele se sentia muito isolado. Então, eu via a necessidade de se fazer um trabalho mostrando o que é um homossexual, falei desde a questão do gênese, inclusive específico para ele pela questão da aceitação, porque ele era muito rebelde, muito por conta da rejeição, muito por conta de não aceitar o corpo que tinha. Então eu achei pertinente fazer um trabalho em que ele aceitasse o corpo que tinha, mas que não prejudicaria naquilo que ele é, e depois que ele sentiu-se bem a gente foi fazer um trabalho com o restante do grupo. E, por fim, teve homenagens belíssimas para ele, pedidos de desculpas, foi um chororo medonho. [...] Também houve isso no ensino médio, mas aí já foi trabalho da disciplina imposta, que era o núcleo, e também foi um trabalho muito vantajoso, a gente acredita que alcançou nosso objetivo, não em 100%, mas em diminuir a questão do preconceito a gente diminuiu demais (PROFESSOR JOSÉ).

Já. Os meninos, às vezes acontece assim: eles veem o menino que tem um jeitinho e chama logo de viado. Aí diz logo: “seu viado”. Aí o que é que eu faço? “Fulano vamos respeitar, mas cuidado, se tu repetir eu vou te dá uma ocorrência”. Eu sei que a gente conversa e tudo mais, mas quando você fala na punição... Os meninos ainda hoje tem muito medo da punição. Por isso que às vezes eles obedecem mais pela punição do que pela conversa, sabe? A verdade é essa, infelizmente. Às vezes a conversa entre no ouvido e sai no outro (PROFESSORA MARIA).

Temos, assim, diferenças nas repostas apresentadas. A diretora Rose declara não ter vivenciado nenhuma situação preconceituosa, assim como também o professor João diz nunca ter presenciado e assegura haver sempre muito respeito. No entanto, o fato do professor complementar sua resposta afirmando à existência de alguns ofensas e apelidos, mostra que, muitas vezes, falta uma real compreensão do que de fato é uma situação preconceituosa, o que dificulta a sua identificação.

Percebendo essa situação, perguntamos ao professor João se algum aluno já havia sido impedido de frequentar o banheiro pelo fato de não apresentar um comportamento condizente com o determinado para seu sexo. Nessa situação ele disse:

Já, impedido não, mas eu percebo que um aluno aqui que é afeminado, ele nunca assumiu, mas dá pra perceber de longe que ele é, eu percebo que ele não usa o banheiro masculino. **(Por que ele não frequenta?)** Acho que é com medo dos outros colegas, sei lá, de fazer alguma coisa com ele lá dentro, de bater nele. **(Esse aluno já pediu para frequentar o banheiro feminino?)** Não, não. Ele faz é não usar o banheiro, não sei como ele aguenta passar o dia todo aqui e não ir no banheiro, pelo menos nunca vi ele entrando lá. **(Você já conversou com ele sobre isso?)** Não, ele nunca veio reclamar nada comigo, então não tem como eu chegar nele e falar alguma coisa (JOÃO).

O caso relatado mostra, desse modo, uma situação de preconceito e desigualdade que comumente é vista como algo sem importância pelos adultos que rodeiam as crianças no espaço da escola, o que reforça mais ainda a necessidade de formação e conscientização sobre essas questões, para que casos assim não sejam tratados como normais.

Já os docentes José e Maria declaram já terem vivenciado essas situações, mas, por outro lado, enfatizam que o trabalho da escola sempre consegue resolver ou inibir tais casos.

Assim, de acordo com as falas desses sujeitos, notamos que ora a diferença é ignorada ora ela é inibida e punida. No entanto, é preciso enfatizar que todos afirmaram que trabalham no sentido de coibir qualquer forma de preconceito e situações de desigualdades.

5.5 DISCUTINDO GÊNERO NA ESCOLA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Durante a realização da nossa pesquisa ficou visível à importância de se trabalhar a temática de gênero na escola, não somente dirigida as alunas e alunos, mas também as professoras, professores e demais profissionais da escola. No entanto, reconhecemos que a discussão desse tema envolve limitações que muitas vezes extrapolam os limites da própria escola. Por conta disso, questionamos as entrevistadas e os entrevistados sobre as possibilidades e os desafios enfrentados ao trabalhar gênero no contexto escolar.

Inicialmente, perguntamos se elas e eles consideram importante o trabalho do assunto com as alunas e alunos. Responderam:

Sim, considero muito importante esse trabalho (ROSE).

Sim, desde cedo é importante já ir conversando com os alunos sobre isso, ir orientando, explicando. Até porque a família não está preparada para falar sobre isso com os filhos. Não estão preparadas e às vezes não querem também, o filho pergunta e já diz logo pra ele não perguntar coisa feia, conversa besta. Mas é importante falar com eles sempre (PROFESSOR JOÃO).

É importante, mas é como eu disse, esse é um assunto para ser colocado a partir do Fundamental II, oitavo e nono ano de preferência. Porque com crianças menores corre-se o risco de influenciar a formação da identidade e da sua opção sexual (JOSÉ).

Como eu te disse, qualquer assunto deve ser trabalhado na escola. Eu só acho errado quando se quer influenciar os alunos a mudar de opção, fazer com que eles pensem da mesma forma. Mas a título de informação, deve sim (MARIA).

Vemos, a partir das respostas, que elas e eles consideram ser importante trabalhar a temática de gênero na escola. Na fala de João percebemos que o papel da escola é ainda maior, uma vez que muitas famílias não conversam sobre os assuntos ligados à identidade com suas filhas e filhos, cabendo assim à escola tratar dessas questões. O professor José, por sua vez, reconhece a relevância do trabalho, mas adverte que se trabalhado com crianças menores pode influenciar a sexualidades delas, o que expressa uma concepção de que a sexualidade é influenciada pelo meio. Essa visão é

também observada na resposta da professora Maria, uma vez que mesmo afirmando ser importante o trabalho, exprime receio de que esse possa influenciar a escolha dos estudantes.

Essa desconfiança em relação às intenções de quem trabalha ou de quem busca trabalhar com a temática de gênero é muito comum na nossa sociedade. Geralmente vemos pessoas declarando que tratar de gênero é ensinar alunas e alunos a se tornarem homoafetivos. Isso acontece, principalmente, por gênero ser um tema explicitamente entendido como político. Sobre isso as autoras Loureiro e Coelho afirmam:

O trazer para dentro da sala de aula assuntos e temas vistos muitas vezes como políticos pode desencadear junto de quem aprende, das famílias e da própria instituição escolar, no seu todo, uma certa sensação de estranheza ou mesmo de suspeição sobre as reais intenções de quem ensina. Mas, a política pode e deve ser entendida como o envolvimento das pessoas na vida da *polis*, da comunidade, traduzindo a própria dinâmica das sociedades, a forma como estão organizadas e o papel de cada um e de cada uma na administração da vida comum (VIEIRA, 2017, p. 82).

Todos os assuntos ensinados dentro da escola são políticos, a própria educação é política. Mas historicamente a organização da escola e a forma como a nossa cultura entende o que é Ciência, fez com que muitos dos conteúdos presentes nos nossos currículos fossem vistos como neutros. Por outro lado, aqueles assuntos excluídos dos currículos, como é o caso do gênero, são entendidos como políticos, intencionais. Por isso, a constante preocupação apresentadas na nossa sociedade, gerando limitações no trato com o tema.

Outra limitação visível diz respeito à formação docente que, muitas vezes, não preparam os indivíduos a lidarem com questões e assuntos ligadas às feminilidades e as masculinidades. Por isso, indagamos se elas e eles se sentem preparados para lidar com essas questões. Para essa pergunta, disseram:

Eu acredito que para está preparado de fato, a gente ainda precisa conhecer muito. É algo que aparentemente novo, essa questão de você saber liderar sem ofender, respeitando de fato, eu estou aprendendo e eu acredito que esse aprendizado começa com o respeito e quando eu respeito eu já me sinto inicialmente preparada ou no início de conhecimento. Eu acredito que a gente nunca está pronto ou preparado, principalmente para as diferenças. Mas eu tento respeitar e com respeito, e com essa questão de trabalhar o respeito também com

os outros, eu estou no início de me sentir preparada (DIRETORA ROSE).

Sempre trabalhar isso é um desafio porque essa nova geração é diferente da minha, as coisas mudaram e mudaram muito, no meu tempo não era assim. Aí é difícil às vezes conversar de uma forma que eles entendam. Mas a gente vai tentando, conversando e acaba dando certo (PROFESSOR JOÃO).

Particularmente, eu participei de muitas formações, não no município, a nível estadual, que me deram um certo preparo, não é o ideal ainda, mas eu acredito que o município falha nesse sentido. Já foi sugerido, não só do gênero, mas no trato de alunos especiais. Nós temos alunos especiais na escola que possuem cuidadores específicos, mas muitas vezes os professores não sabem como lidar com aquela deficiência, digamos assim, com aquela particularidade, seja ela o distúrbio do contrário, seja o autismo, seja o TDA, seja o discalculismo, discalculia, na verdade. Então a gente solicita do município essas formações. Há uma resposta positiva, de parceria com a Universidade pra que isso possa ser implementado nos próximos anos, porque não é uma coisa que possa ser feito de imediato, até porque tem toda uma programação do mais PAIC que deve ser cumprida (JOSÉ).

Na verdade eu acho que a gente precisa tratar todos iguais e quando a gente faz isso é porque a gente está preparado. Porque a gente tenta tratar todo mundo igual, né? (MARIA).

Compreendemos que as pessoas entrevistadas não se sentem preparadas para tratar das questões de gênero e da diversidade de uma forma geral, o que representa um desafio a vencer caso queira a conquista de uma educação mais equânime. É interessante destacarmos a resposta de José quando declara haver uma busca por formações que capacitem os docentes no trato com a diversidade, contudo, admite que o próprio cronograma da escola dificulta a prática dessas formações.

Para finalizar as entrevistas, questionamos se, na opinião delas e deles, a escola contribui com o combate ao sexismo e outras formas de desigualdades de gênero. E obtivemos as seguintes declarações:

É papel da escola fazer isso, só que também tem os desafios e um longo caminho. Mas é papel fundamental da escola, é obrigação da escola. Se o papel da escola é transformar, porque a educação é transformação e a educação escolar faz toda a diferença na vida de uma pessoa, para formar pessoas críticas, formar cidadãos, então, é papel da escola. Só que ainda falta muita para a escolar ser, de fato,

ideal. **(O que poderia mudar para ela conseguir iniciar nessa desconstrução das desigualdades?)** A questão de trabalhar de fato o que é ser crítico. A criticidade. A questão de não calar, de não ficar em cima do muro, de saber lutar e brigar, de fato, pelos direitos, [...]. Então é essa a questão: saber tratar, saber respeitar, saber repassar, saber acolher, de saber, muitas vezes, não revidar uma ofensa. Tudo isso é papel da escola para transformar, mudar, ganhar confiança (ROSE).

Deve estar sempre preparada, não pode ficar para traz não. E se não tiver deve buscar essa preparação. Acredito que esse escola, da forma como a gente trabalha, está sim preparada (PROFESSOR JOÃO).

Sim, nós trabalhamos muito a questão do conceito e do preconceito, da importância de respeitar a opção do outro, entre outras questões que demonstra que tentamos fazer a nossa parte. É claro que sempre precisamos melhorar em algo, mas em linhas gerais eu vejo que ela vem trabalhando na desconstrução dessas desigualdades e espero que continue nesse sentido (JOSÉ).

Eu acredito que sim, porque a partir do momento que a gente tenta seguir o que a sociedade... esse desenvolvimento que a sociedade tem atingido, né? Que eu vejo que os avanços que nós estamos tendo faz com que vá mudando, tanto o professor... a gente não pode parar no tempo, então a gente tem que seguir o curso, essas ideias e tem que aceita-las e até fazer com que não haja essa diferença, nem esse preconceito, e que todos são iguais, né? É o que eu sempre digo a meus alunos: “todos são capazes, depende de cada um”. É tanto que eu gosto muito daquela música “cada um constrói a sua história”, de Simone, aquela: “do sabor das massas e das maçãs” (canta), aí tem um pedaço que ele diz que cada um constrói a sua história, né? (PROFESSORA MARIA).

Percebemos, assim, que na visão delas e deles a escola vem desempenhando seu papel no combate as diversas desigualdades de gênero, na medida em que respeitam as diferenças. E reconhecem a importância de desenvolver um trabalho que possa atender as necessidades das novas gerações.

Com isso, existem situações na escola que limitam a concretização do trabalho com a temática de gênero, como a falta de uma formação adequada sobre o assunto. Mas, por outro lado, vemos nesse mesmo contexto de limitações, possibilidades, na medida em que o respeito ao próximo se constitui como imperativo a ser seguido, conforme destaca as entrevistadas e os entrevistados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, tomamos como campo investigativo a escola pública municipal, entendendo-a como espaço fundamental na produção e reprodução das feminilidades e das masculinidades. Ante um cenário social produtor e reprodutor de valores e hábitos que justificam e disseminam as desigualdades de gênero, vemos a necessidade de tencionarmos essas questões no espaço da escola.

O conceito de gênero, entendido como as noções de feminilidades e masculinidades construídas num processo que é histórico e cultural, nos serviu como fundamento de reflexão e análise do cotidiano escolar e das relações travadas nesse ambiente, o que nos proporcionou uma base para reflexões das situações institucionalizadas, assim como também dos momentos corriqueiros vivenciados na escola.

A partir da pesquisa desenvolvida, percebemos que a escola participa ativamente do processo de construção das identidades de gênero dos indivíduos na medida em que delimita espaços e fronteiras, separa meninas dos meninos, lança expectativas diferenciadas, naturaliza noções de feminilidades e masculinidades, reproduz preconceitos, desconsideram as desigualdades, entre outras situações. Porém, é interessante destacarmos que a influencia da escola não é simplesmente recebida pelas alunas e alunos. Essas e esses também estão diretamente envolvidos no processo de produção e reprodução do gênero. Algumas vezes cumprem as determinações, outras vezes, reagem, negam, negociam, transgridem. E, assim, vão construindo suas identidades.

Observamos também que as representações de feminilidades e masculinidades estão presentes em todo o espaço da escola, visíveis principalmente nos discursos e expectativas lançadas pelos profissionais da escola, delimitando lugares, atitudes, sentimentos, pertencimentos. Essas representações ora reproduzem noções e valores estereotipados e preconceituosos, ora desconstroem exatamente essas noções e valores, mostrando a diversidade de atitudes e percepções dentro de um mesmo espaço institucional.

As transgressões as normas institucionais são alvo de séria atenção por parte dos profissionais que nela atuam. A vigilância e a constante ameaça de punição são utilizadas como recursos valiosos no cumprimento da norma e na garantia do controle. O livro de ocorrência, onde os casos de indisciplinas eram registrados, expressa um meio encontrado para a institucionalização desse controle. Constatamos que, apesar dos discursos sobre o respeito ao diferente, as fronteiras da feminilidade e da masculinidade é constantemente vigiada, seja por uma ação direta das professoras e professores, seja a partir da consciência desse olhar, mesmo quando ele não se faz fisicamente presente.

Compreendemos também, a partir das entrevistas, que a percepção que os sujeitos entrevistados têm da temática de gênero é precário e muitas vezes com base em preconceitos disseminados culturalmente, uma vez que percebemos tanto uma confusão entre os conceitos de gênero e de sexualidade nas falas das pessoas entrevistadas, como alguns discursos naturalizando feminilidades e masculinidades.

No entanto, precisamos ressaltar o fato desses profissionais da educação declararem respeitar e estimular o respeito a qualquer forma de diferença, assim como também reconhecerem que a escola exerce um papel fundamental na desconstrução de preconceitos e desigualdades de gênero, cabendo, para isso, uma maior formação e reflexão de situações vivenciadas na escola.

Assim, compreendemos que as concepções de feminilidades e masculinidades são percebidas e elaboradas num contexto de múltiplos olhares e percepções. São sujeitos que naturalizam noções do que é ser uma mulher e homem, ao lado de outros que afirmam que essas noções são construídas histórica e culturalmente. Vemos também o mesmo indivíduo reproduzir preconceitos e, em seguida, desconstruí-lo, afirmando “os direitos são iguais”, por exemplo. E é em meio a essas diversas percepções e práticas que as noções de gênero vão sendo impostas, negociadas, transgredidas.

Dessa forma, ressaltamos a necessidade de haver momentos de discussões e reflexões sobre as relações e estereótipos de gênero no cotidiano da escola e, da mesma forma, proporcionar experiências formativas sobre gênero para professoras, professores e demais funcionários, assegurando um trabalho fundamentado e crítico na busca de uma escola mais inclusiva, não sexista e democrática.

É com esse intento que produzimos o material formativo: “Nas tramas do conceito de gênero: feminilidades e masculinidades na escola”, organizado dentro Caderno: “Diferenças, identidades e práticas educativas: entrelaçando família, gênero e sexualidade” (ver fotos em anexo).

Esse Caderno é resultado de três pesquisas desenvolvidas dentro do Programa de Mestrado Profissional em Educação, constituindo-se como produtos finais de estudo. O fato dos três temas (família, gênero e sexualidade) discutirem questões intrinsecamente relacionadas nos permitiu a reunião dos três produtos em um só Caderno, garantindo à construção de um material contemplando temáticas importantes para a educação no contexto atual.

Elaboramos o 2º volume de tal caderno, resultado dessa pesquisa, a partir do estudo desenvolvido em uma escola municipal, onde foi perceptível a necessidade de formações sobre o tema para as profissionais e os profissionais que atuam nas diversas instituições de ensino.

Por isso, construímos esse material voltado para a formação de professoras e professores, seja ela inicial ou continuada, visando oferecer subsídios teóricos e práticos para a compreensão do tema, assim como também buscando instigar nesses profissionais da educação o exercício da reflexão sobre situações rotineiras da escola que servem para demarcar e reforçar as feminilidades e masculinidades.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **currículo, território em disputa** / Miguel G. Arroyo. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. Difusão Europeia do livro, São Paulo: 1970.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** / Berenice Bento. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERGER, P. L, BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro, LTC, 2002.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; Tadução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2010.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas** / Antonio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CANDAU, V. M. F. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.
- CASTRO, A. L. (org.). Corpos ciborgues, identidade e cirurgia plástica como consumo cultural. In: **Cultura contemporânea, identidade e sociabilidade: olhares sobre o corpo, mídia e novas tecnologias** [online]. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CEARÁ. Secretaria Estadual de Educação. **Plano Estadual de Educação**. Ceará, 2016.
- CORDEIRO, M. **O valor do corpo na construção da identidade**. Revista Estudos Comum. Curitiba, v. 12, n. 27, p. 19-26, jan. / abr. 2011.
- DAL'IGNA, M. C. **Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?** Educação em Revista. Belo Horizonte. N. 46. P. 241-267. Dez. 2007.

FINCO, D. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Pro-Posições, v. 14, n. 3 (42) – set./dez. 2003.

_____. **Socialização de gênero na Educação Infantil**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto, 2008

FOUCALT, M. **Vigiar e punir: nascimento de uma prisão**; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. / Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONDIM, L. M. P; LIMA, J. C. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre o método e bom senso** / Linda M. P. Gondim, Jacob Carlos Lima. – São Carlos: Ed UFSCar, 2010.

KRUPPA, S. M. P. **Sociologia da educação** / Sonia Portella Kruppa. – São Paulo: Cortez, 1994.

LAPLATINE, F, 1943 – **A descrição etnográfica** / François Laplantine; [tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho]. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. 6. ed. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

LOBO, T. **Currículo & identidade na educação**. Fortaleza: Livro Técnico, 2005.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer / Guacira Lopes Louro. – 2 ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. - 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. – 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MCLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação** / Peter McLaren; Tradução Juracy C. Marques, Angela M. B. Biaggio; apresentação à edição brasileira Tomaz Tadeu da Silva; prefácio Henry Giroux. – Petrópolis, RJ: Voezes, 1991.

MEYER, D. E. Gênero, sexualidade e Currículo. In: **Educação para igualdade de gênero**. Salto para o futuro, Ano XVIII, Boletim 26 – Novembro de 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** / Maria Cecília de Souza Minayo. – 8. ed. – São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: o corpo feminino e regulação social. In: **História do corpo no Brasil.** Mary Del Priore e Marcia Amantino (organizadoras). Editora: UNESP, São Paulo, 2011.

PAECHTER, C. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades** / Carrie Paethter; tradução, consultoria e supervisão Rita Terezinha Schmidt. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação** / Lino Rampazzo. – 8. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SALIH, S. **Judth Butler e a teoria Queer** / Sara Salih; Tradução e notas Guacira Lopes Louro. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SANTOS, L. A. O corpo na cultura e a cultura da reforma do corpo. Lionês Araújo dos Santos. RBSE – **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 16768965, dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, V. 16, n. 2, 1990.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. – 23. ed. ver. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. M. **Corpo e diversidade cultural.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STROMQUIST, N. P. **Política pública de Estado e equidade de gênero: perspectiva comparativa.** Tradução Vera M. D. Renoldi. Revista Brasileira em Educação. Jan/fev/mar/abr, 1996.

TOSCANO, M. **Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VIEIRA, C. C. Gênero e Currículo. In: **Conhecimento, Gênero e Cidadania no Ensino Secundário.** Cristina C Vieira (orga.). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. 1.ª ed., 2017

WOODWARD, K. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuert Hall, Kathryn Woodward. 11 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA – DIRETORA

1. FORMAÇÃO

- 1.1 - Qual sua formação inicial e continuada?
- 1.2 - A escola promove alguma formação em serviço?
- 1.3 - A Secretaria Municipal de Educação promove formação para os (as) professores (as) municipais?
- 1.4 – Você já participou de alguma formação que foi trabalhado o tema gênero, sexualidade e diversidade? Qual? E onde essa formação aconteceu?

2. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- 2.1 - Há quanto tempo atua como diretora? (Nessa escola e em outras instituições)
- 2.3 – Já atuou como professora nessa instituição?
- 2.4 - Na sua opinião, qual a função da escola? Você concorda que a escola contribui para a formação das identidades dos alunos e alunas? Como essa contribuição acontece?
- 2.5 - Quais os principais desafios da escola no contexto atual?

3. ALUNO E ALUNA

- 3.1. Quem são os alunos e alunas que frequentam a escola? De onde vêm? É do mesmo bairro da escola ou de outra comunidade?
- 3.2. Existem casos de indisciplina na escola?
- 3.3. Como a gestão da escola lida com os casos de indisciplina?
- 3.4. Quais os atos mais comuns de indisciplinas cometidos por meninos e por meninas?

4. TEMÁTICA DE GÊNERO

- 4.1. As discussões sobre o que é ser homem e ser mulher, assim como qual o papel do homem e da mulher no meio familiar e social vem ganhando destaque no meio acadêmico a partir dos estudos de gênero. Esses estudos apresentam reflexões sobre noções de masculinidades e feminilidades, entendendo-as como uma construção histórica e cultural. O que você entende sobre esse termo gênero? Qual sua percepção sobre essa temática?
- 4.2. No final do ano de 2017 e início de 2018 foi comum o surgimento de projetos de leis municipais, proibindo a chamada ideologia de gênero na escola. Você acompanhou esses projetos e debates em torno deles? Qual sua opinião sobre esses projetos?
- 4.3. A temática de gênero está presente na atuação pedagógica da escola? Como?

5. CONCEPÇÕES, NEGOCIAÇÕES E PRÁTICAS DE GÊNERO

5.1. Na sua opinião, existe ou deveria existir diferença na educação de meninos e meninas? Por que?

5.2. Existe alguma situação na escola que se faz necessário a separação de meninos e meninas? Qual?

5.3. Você percebe que existe separação entre brincadeiras de meninos e meninas na escola? Por que isso acontece?

5.4. É muito comum haver a separação entre o que é brincadeira de menino e o que é brincadeira de menina. A boneca e a casinha, por exemplo, acabam sendo destinadas para as meninas e a bola e o carrinho para os meninos.

Qual sua opinião sobre essa separação das brincadeiras e brinquedos? Ela traz algum prejuízo a aprendizagem das crianças?

5.5. Existem no nosso contexto cultural determinações que ditam regras e valores a respeito do que é ser homem e mulher. Essas regras e valores são passados as novas gerações desde o momento do nascimento, com a forma de vestir, com os brinquedos, expectativas, entre outras questões específicas de cada sexo. Na sua opinião, a escola também contribui com o repasse dessas regras e valores? Como isso acontece?

5.6 A família dos alunos e alunas participam e interferem na forma como esses valores são passados para os (as) estudantes? Como a escola se relaciona com a família diante dessas questões?

5.7 Sabemos que mesmo diante de um contexto escolar comum, com círculos de amigos e amigas com a mesma faixa etária, com gostos e desejos semelhantes, vindo de uma mesma situação financeira, entre outras questões que possam assemelhar os alunos e alunas dessa instituição, é possível perceber diferenças entre eles e elas. Como por exemplo, características físicas, formas de falar, de se comportar, de agir diante de determinadas questões, o que expressa a subjetividade de cada um. Como os alunos e alunas lidam com a diferença do outro? E como a escola lida com essas questões?

5.8 O fenômeno Bullying acontece nas escolas e muitas vezes trazem sérios prejuízos educacionais, como problemas de convivência, autoestima, aprendizagem e até mesmo evasão escolar. Existe na escola prática de bullying? Quais são as práticas mais comuns? Na sua opinião, como essas práticas prejudicam os alunos?

5.9 O nosso meio social é marcado por muitas desigualdades. Em alguns contextos ainda é possível ver mulheres recebendo salários inferiores aos homens mesmo exercendo a mesma profissão e com as mesmas responsabilidades. Também é possível ver indivíduos serem impedidos de frequentar determinados espaços e exercerem determinadas profissões simplesmente pelo fato de não atender a determinados padrões de comportamentos. Você percebe alguma relação entre a existência dessas desigualdades e as práticas exercidas na escola?

5.10 Já presenciou ou vivenciou alguma situação preconceituosa a respeito do que é ser homem e ser mulher dentro do espaço escolar?

5.11 Ao caminhar pela escola percebi alguns cartazes colados nas paredes tratando sobre o Dia Internacional da Mulher e sobre o feminicídio. Foi desenvolvido com os alunos algum trabalho a esse respeito?

5.12 Na sua opinião, é importante trabalhar com os alunos e alunas temas relacionados a gênero, desigualdade, preconceito?

5.13 Você se sente preparado (a) para lidar com a diversidade e trabalhar a temática de gênero na escola? O que poderia melhorar ou mudar?

5.14 Na sua opinião, a escola contribui com o combate ao sexismo e outras desigualdades de gênero? O que poderia melhorar ou mudar?

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSORES (AS)

1. FORMAÇÃO

1.1 - Qual sua formação inicial e continuada?

1.2 - A escola promove alguma formação em serviço?

1.3 - A Secretaria Municipal de Educação promove formação para os (as) professores (as) municipais?

1.4 – Você já participou de alguma formação que foi trabalhado o tema gênero, sexualidade e diversidade? Qual? E onde essa formação aconteceu?

2. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

2.1 - Há quanto tempo atua como professor (a)? (Nessa escola e em outras instituições)

2.3 - Qual a etapa de ensino que atua e já atuou? E qual a disciplina que leciona?

2.4 - Na sua opinião, qual o papel do (a) professor (a) em sala de aula? Você concorda que o (a) professor (a) contribui para a formação das identidades dos alunos e alunas? Como essa contribuição acontece?

2.5 - Quais os principais desafios de ser professor (a) no contexto atual?

3. ALUNO E ALUNA

3.1. Quem são os alunos e alunas que frequentam a escola? De onde vêm? É do mesmo bairro da escola ou de outra comunidade?

3.2. Existem casos de indisciplina na escola?

3.3. Como você e a gestão da escola lida com os casos de indisciplina?

3.4. Quais os atos mais comuns de indisciplinas cometidos por meninos e por meninas?

4. TEMÁTICA DE GÊNERO

4.1. As discussões sobre o que é ser homem e ser mulher, assim como qual o papel do homem e da mulher no meio familiar e social vem ganhando destaque no meio

acadêmico a partir dos estudos de gênero. Esses estudos apresentam reflexões sobre noções de masculinidades e feminilidades, entendendo-as como uma construção histórica e cultural. O que você entende sobre esse termo gênero? Qual sua percepção sobre essa temática?

4.2. No final do ano de 2017 e início de 2018 foi comum o surgimento de projetos de leis municipais, proibindo a chamada ideologia de gênero na escola. Você acompanhou esses projetos e debates em torno deles? Qual sua opinião sobre esses projetos?

4.3. A temática de gênero está presente na sua atuação pedagógica e da escola? Como?

5. CONCEPÇÕES, NEGOCIAÇÕES E PRÁTICAS DE GÊNERO

5.1. Na sua opinião, existe ou deveria existir diferença na educação de meninos e meninas? Por que?

5.2. Existe alguma situação na escola que se faz necessário a separação de meninos e meninas? Qual?

5.3. Você percebe que existe separação entre brincadeiras de meninos e meninas na escola? Por que isso acontece?

5.4. É muito comum haver a separação entre o que é brincadeira de menino e o que é brincadeira de menina. A boneca e a casinha, por exemplo, acabam sendo destinadas para as meninas e a bola e o carrinho para os meninos.

Qual sua opinião sobre essa separação das brincadeiras e brinquedos? Ela traz algum prejuízo a aprendizagem das crianças?

5.5. Existem no nosso contexto cultural determinações que ditam regras e valores a respeito do que é ser homem e mulher. Essas regras e valores são passados as novas gerações desde o momento do nascimento, com a forma de vestir, com os brinquedos, expectativas, entre outras questões específicas de cada sexo. Na sua opinião, a escola também contribui com o repasse dessas regras e valores? Como isso acontece?

5.6 A família dos alunos e alunas participam e interferem na forma como esses valores são passados para os (as) estudantes? Como a escola se relaciona com a família diante dessas questões?

5.7. Sabemos que mesmo diante de um contexto escolar comum, com círculos de amigos e amigas com a mesma faixa etária, com gostos e desejos semelhantes, vindo de uma mesma situação financeira, entre outras questões que possam assemelhar os alunos e alunas dessa instituição, é possível perceber diferenças entre eles e elas. Como por exemplo, características físicas, formas de falar, de se comportar, de agir diante de determinadas questões, o que expressa a subjetividade de cada um. Como os alunos e alunas lidam com a diferença do outro? E como a escola lida com essas questões?

5.8. O fenômeno Bullying acontece nas escolas e muitas vezes trazem sérios prejuízos educacionais, como problemas de convivência, autoestima, aprendizagem e até mesmo

evasão escolar. Existe na escola prática de bullying? Quais são as práticas mais comuns? Na sua opinião, como essas práticas prejudicam os alunos?

5.9 O nosso meio social é marcado por muitas desigualdades. Em alguns contextos ainda é possível ver mulheres recebendo salários inferiores aos homens mesmo exercendo a mesma profissão e com as mesmas responsabilidades. Também é possível ver indivíduos serem impedidos de frequentar determinados espaços e exercerem determinadas profissões simplesmente pelo fato de não atender a determinados padrões de comportamentos. Você percebe alguma relação entre a existência dessas desigualdades e as práticas exercidas na escola?

5.10 Os livros didáticos trazem em suas páginas representações de meninos, meninas, homens e mulheres. Essas representações se dão tanto por meio de imagens, fotos e desenhos, como também a partir dos textos que muitas vezes ditam normas de comportamentos e sentimentos específicos de cada sexo. Você já presenciou alguma situação preconceituosa nos livros didáticos relativo as representações de masculinidades e feminilidades? Qual? Como você agiu?

5.11 - Na escolha do material didático, as representações de meninos, meninas, homens e mulheres, são consideradas como critérios de aceitação ou negação?

5.12. Você já utilizou em suas aulas algum material didático que tratava das questões de gênero? Você já utilizou em suas aulas as coleções: “Construindo Valores na escola” e “Da escola para o mundo”?

5.13. Já presenciou ou vivenciou, em suas aulas, alguma situação preconceituosa a respeito do que é ser homem e ser mulher?

5.14. Na sua opinião, é importante trabalhar com os alunos e alunas temas relacionados a gênero, desigualdade, preconceito?

5.15. Você se sente preparado (a) para lidar com a diversidade e trabalhar a temática de gênero com seus alunos e alunas? O que poderia melhorar ou mudar?

5.16. Na sua opinião, a escola contribui com o combate ao sexismo e outras desigualdades de gênero? O que poderia melhorar ou mudar?

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “Feminilidades e masculinidades na escola: concepções e práticas”, sob a coordenação e a responsabilidade de Tatiane Bantim da Cruz, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Regional do Cariri, o qual terá apoio dessa instituição.

Crato-CE, ____ de _____ de 2019

Nome – cargo/função

(Carimbo)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tatiane Bantim da Cruz, de RG 487511153, mestranda da Universidade Regional do Cariri, está realizando a pesquisa intitulada “Feminilidades e Masculinidades na Escola: Concepções e Práticas”, que tem como objetivo geral: compreender como as concepções de masculinidades e feminilidades são percebidas e elaboradas no contexto escolar e as implicações dessas concepções para as relações de gênero. E como objetivos específicos: investigar como a escola participa do processo de construção das subjetividades de alunos e alunas; refletir sobre representações de masculinidades e feminilidades produzidas e reproduzidas na escola e perceber a percepção de professores (as) e gestores (as) a respeito da temática de gênero, relativo ao conceito, identidade, representações, transgressões, relações de desigualdades e o papel da escola no trato com essa temática. Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: observação da escola, realização de entrevistas com professores, professoras e integrantes da gestão e discussão em grupo a respeito das questões de gênero no contexto escolar.

Por essa razão, o (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa. O procedimento utilizado é a entrevista. Sua participação consistirá em disponibilizar informações que permita a compreensão de sua percepção a respeito do assunto em questão, assim como também a forma como as questões de gênero é percebida e trabalhada no contexto escolar.

De acordo com a resolução 466/2012 do CNS, toda pesquisa envolvendo seres humanos apresenta algum tipo de risco, compreendido como a possibilidade de danos a dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano em qualquer fase de uma pesquisa ou dela decorrente. Porém, os riscos previstos serão analisados e minimizados ao longo do desenvolvimento do estudo.

Nos casos em que esse procedimento traga algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, Tatiane Bantim da Cruz, serei a responsável pelo encaminhamento de ações que possam sanar ou reduzir o desconforto gerado e realizar as alterações necessárias nos dados disponibilizados. Em qualquer momento do presente estudo, o (a) Sr. (a) poderá desistir de participar da pesquisa, revisar e alterar as informações disponibilizadas.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o (a) Sr. (a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a entrevista.

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de contribuir com a discussão da temática. Nos propomos a desenvolver um estudo cuja discussão proporcionará a construção de conhecimento científico a respeito da temática de gênero no contexto escolar, além da construção de material pedagógico, do tipo coletânea, no qual um dos volumes abordará a temática de gênero no contexto escolar com a finalidade de orientar professores, demais funcionários da escola, comunidade e demais interessados a abordar diretamente o tema.

Todas as informações que o (a) Sr. (a) nos fornecer será utilizada somente para esta pesquisa. Seus dados pessoais serão confidenciais e seu nome não aparecerá na entrevista e nem quando os resultados forem apresentados.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar por mim, Tatiane Bantim da Cruz, no telefone (88) 99452-4002 ou no e-mail: tatianebantim@hotmail.com, em qualquer horário. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antonio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se o (a) Sr. (a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do

lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce., _____ de _____ de _____.

Nome do Participante

Assinatura

Tatiane Bantim da Cruz

Nome da Pesquisadora

Assinatura

ANEXOS

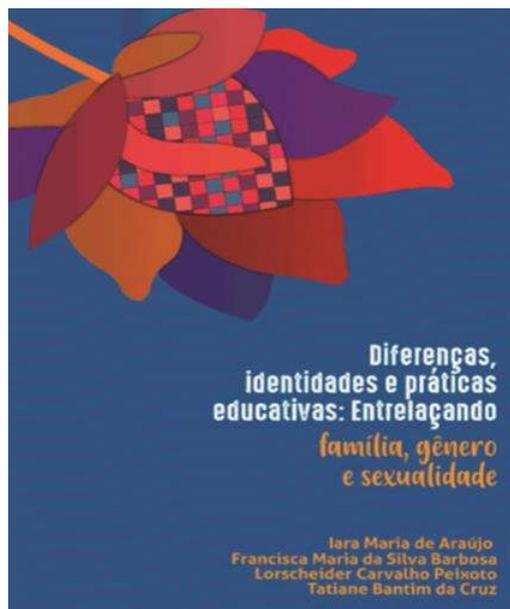


Foto da capa geral do Caderno
Fonte: arquivos da autora

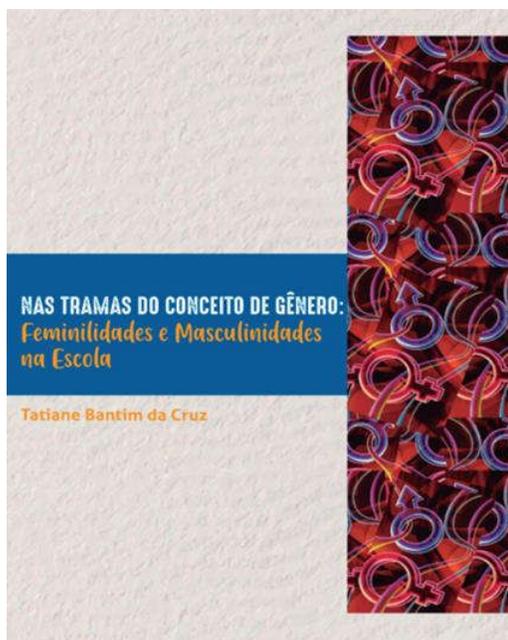


Foto: capa do 2º volume
Fonte: arquivos da autora

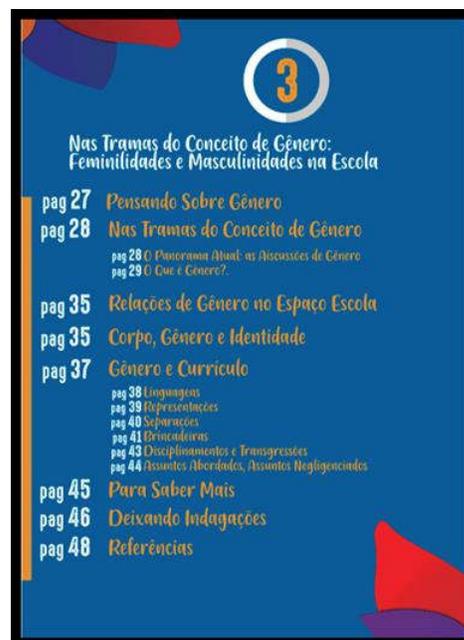


Foto: Sumário
Fonte: arquivos da autora